

# REVISTA DE ENSINO



L. Pascoli

# REVISTA DE ENSINO

ORGAN OFFICIAL DA DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO PUBLICA

ANNO II

MACEIÓ, SETEMBRO-OUTUBRO DE 1928

NUM. 11

## O PINHEIRO

HANS ANDERSEN (dinamarquez)

Numa floresta, em sitio onde o ar girava livre, e o sol lançava a jorros a sua luz vivificante, vegetava um bonito pinheirinho. Rodeavam-no muitos camaradas mais velhos que elle e tambem mais corpulentos, altivos pinheiros e enormes carvalhos. O maior desejo do pinheiro era attingir á altura e corpulencia dos seus vizinhos. Era tal este desejo que nem se lembrava do sol brilhante nem do céu azul, nem dava attenção alguma aos bandos alegres das eranças que das proximidades vinham á floresta colher fructos; muitas vezes depois das colheitas sentavam-se junto do pinheirinho, dizendo :

— Que lindo ! Que bonito !

Ai, que arvoresinha tão bonita ! — Estas palavras enfadavam-no, em vez de o lisongear. — Arvoresinha ! pensava elle, sempre arvoresinha ! Todos os annos pela primavera lançava rebentões e crescia um bocadinho. O que elle mais desejava era crescer com rapidez dez vezes maior.

— Oh ! quem me dera ser já grande, muito grande, alargar os meus ramos, e dominar com o meu cimo a floresta e a planicie ! As aves construirão os ninhos na minha copa e quando o vento soprar mais rijo inclinar-me-ei com tanta graça e magestada como os meus altivos companheiros.

Estes maus pensamentos tornavam-no indifferente ao que devia agradar-lhe mais; nem escutava as harmonias das aves cantando nas ramadas, nem admirava as nu-

vens purpureadas que durante o dia fluctuavam no azul dos céos. Chegou o inverno, e a neve branca e scintillante. Muitas vezes uma lebre, perseguida pelos caçadores, salvava de um salto o pinheirinho, que ficava muito injuriado. Dois invernos depois já tinha crescido bastante para que as lebres se vissem obrigadas a passar sob a rama. Ainda assim elle desejava crescer com muito maior rapidez. — Crescer, subir, ser velho, é a melhor sorte que pôde haver. No outomno vieram os lenhadores que derrubaram algumas das arvores mais corpulentas; voltavam todos os annos. O pinheiro ja os via com aversão; as arvores magestosas caíam com tamanho ruido cortadas pelos machados ! Cortavam-lhes os ramos e ficavam os troncos tão nús, tão esguios, que nem pareciam os mesmos. Collocavam-nos depois em carros, que os transportavam para fóra da floresta. Para onde iam ? que seriam feitos delles ?

Na primavera, quando as andorinhas e as cegonhas voltaram, o pinheiro perguntou-lhes :

— Não sabeis para onde os conduziram, não os haveis encontrado ?

As andorinhas não sabiam coisa alguma a este respeito, mas uma cegonha, reflectindo um pouco, respondeu :

— Penso que sei; quando vim do Egypto encontrei muitos navios com seus mastros novos e magnificos; eram elles talvez, os velhos pinheiros da floresta, ainda chei-

ravam muito a rizina. Lá iam orgulhosos da sua posição.

— Quem me dera ser já grande para viajar no mar ?

Dizei-me, como é o mar ? Com que se parece ?

— Isso levaria muito tempo a contar, disse a cegonha e afastou-se num sereno vôo.

— Alegra-te da tua mocidade, lhe diziam os raios do sol; alegra-te da tua beleza, da tua vida cheia de seiva e de frescura ! E o vento acariciava a arvore, o orvalho aljafrava-a de lagrimas brilhantes; mas o pinheiro nem lhe dava attenção.

Pelo Natal os lenhadores cortaram muitas arvoresinhas, algumas inferiores em altura ao nosso pinheiro ambicioso; eram tambem postas em carros e levadas para fóra da floresta.

— Para onde vão ? — perguntou o pinheiro; alguns são mais pequenos do que eu, e deixaram-lhes todos os ramos. Para onde irão elles ?

— Eu sei, eu tambem sei, nós sabemos, chilrearam os pardaes. Estivemos na cidade e espreitamos através as vidraças. Chegaram a ser muito felizes, chegaram ao mais alto gráo de felicidade e da magnificencia.

Collocaram-nos em salas bem quentes pelos fogões, penduraram-lhes nos ramos bolos, e bonecos, e encheram-nos de luzes.

— E depois ?... perguntou o pinheiro, com os ramos a estremecer, depois que aconteceu ?

— Nós vimos isto só, ai que bonito era !

— Terei eu tambem uma sorte tão brilhante ? pensou o pinheiro. Seria ainda melhor do que andar sobre as aguas do mar. Parecem-me os dias tão compridos ! Quando chegará o Natal para eu partir com os meus companheiros ? Parece-me estar já numa sala bem quentinha, e cheio

de enfeites. E depois... depois provavelmente ha de ser ainda melhor, pois para que carregar os pinheiros de luzes e bonecas ?

Quem me dera saber já... que impaciencia a minha. Sempre sou muito infeliz !

— Alegra-te, lhe diziam o céo e os raios do sol, alegra-te na tua mocidade que vicia no seio da natureza singela e pacifica.

O pinheiro crescia sempre; a rama tinha-se tornado de um verde cheio de vigor e frescura, todos os que passavam diziam : Que bonita arvore !

Chegou o Natal; elle foi escolhido em primeiro lugar.

O machado feriu-o de um golpe na medulla. Suspirou, tremeu todo, cahiu esvaído. Em vez de pensar na sua felicidade, sentiu-se triste e cheio de agonia por deixar o lugar do seu nascimento. Elle bem sabia que não tornava a vêr os seus antigos camaradas, os arbustos, as flores mimosas que sempre o haviam cercado, talvez nem tornasse a vêr as avesinhas. Aquella partida, aquella separação encheram-no de pezar.

A arvore só voltou a si quando, com muitas outras, a descarregaram num pateo.

Aproximou-se um homem e disse, apontando para o pinheiro :

— Este é bom, muito bom; é este que me convém. Vieram depois dois creados de librés agalondos, e levaram o pinheiro para o salão de uma grande fidalgo; era um salão cheio de preciosidades, nas paredes quadros de grande valor, na pratileira do fogão porcellanas da China; moveis de ébano forrados de setim; mesas cobertas de objectos de arte, marmores, bronzes, livros illustrados, magnificas gravuras, riquissimos albuns.

— Aqui nesta sala, diziam as crianças ha cem vezes cem libras.

Puzeram o pinheiro numa grande caixa cheia de areia; a caixa estava ornada de laços e laços de variegadas côres. A arvore tremia tanto ! que iria acontecer ?

Vieram depois umas senhoras preparar o pinheiro, nos ramos suspenderam papeluchos dourados, cheios de amendoas e pastilhas, penduraram laranjas, nozes prateadas, muitos cavallinhos e açafates; fixaram mais de cem velas vermelhas, azus e brancas. Bonecos tão grandes que pareciam crianças repousavam nos ramos e no vertice da sua corôa ergueram uma estrella dourada semelhante a um diamante.

O pinheiro estava absorto na sua immensa felicidade, nunca sonhara esplendor tal !

— Esta noite, diziam todos, como ha de ser bonito !

— Ai, quem me déra já a noite ! pensou a arvore, quem me dera que todas as velas estivessem acesas. Mas depois que succederá ? As outras arvores da floresta virão vêr-me ? virão os pardaes espreitar-me através as vidraças ? ficarei eu aqui de verão e de ineverno sempre enfeitado ? Pobre pinheiro, como elle se enganava ! e comtudo estas reflexões eram-lhe um supplicio.

Chegou a noite, accenderam-se as velas. Que lindo ! que magnifico ! A arvore tremia tanto que uma das velas cahindo incendiou um dos ramos.

— Ai ! ai ! exclamou elle fremente; os criados correram e apagaram o fogo. Desde então a arvore nem ousou estremecêr; tinha medo de prejudicar os seus ornatos; continuava louca e orgulhosa do seu esplendor. De repente as portas abriram-se e uma alegre onda de crianças se precipitou no salão. Entraram em se-

guida os paes, parentes e amigos. A principio as crianças ficaram suspensas, mudas de admiração ante a arvore do Natal; mas em breve começaram a gritar e a saltar de alegria, dançando em roda do pinheiro.

Pouco depois sahiram os numeros da loteria; todos tinham seus numeros; pouco a pouco a arvore ficou sem ornatos; á medida que se proclamava um numero perdia um dos enfeites, que dos ramos virentes passava para as mãos das crianças.

— Que estão elles fazendo ? que me acontecerá ? pensava o ambicioso pinheiro. Tudo o que elle tinha de melhor foi tirado dos ramos, as velas acabaram tambem. Então os paes consentiram no saque dos bolos que restavam. Não foi preciso dizê-lo duas vezes.

Lançaram-se sobre o pinheiro com tanta violencia, que teria cahido se a estrella que estava presa ao tecto o não sustivesse. Depois de o terem completamente despojado os pequenos recommçaram as danças e os brinquedos; ninguem pensou mais no pinheiro, a não ser a velha governante que foi vêr se não teria esquecido por acaso alguma laranja ou figo que ella pudesse aproveitar.

— Um conto, uma historia, queremos um conto ! exclamaram as crianças e fizeram sentar junto do pinheiro um velho hom e alegre que os acompanhava, apezar da idade nas suas brincadeiras.

— Estamos aqui debaixo de uma arvore, disse o velho; este pobre pinheiro estava ainda ha poucos dias na sua floresta e talvez aproveite alguma coisa do que vou contar. Só contarei um conto. Digam lá qual querem, o de Ivede ou o Cloumpe-Doumpe que cahiu por uma escada abaixo, alcançando mais tarde grandes honras e casando com uma princeza ?

— Ivede, gritaram uns; Cloumpe-Doumpe, pediram outros.

E o bom do velho contou a historia de Cloumpe-Doumpe, que cahiu por uma escada abaixo e desposou uma princeza.

Quando acabou as crianças bateram as palmas, saltando de contentes, e gritaram todas :

— Mais uma historia, mais uma só ! Queriam ouvir tambem a de Ivede; mas tiveram de se contentar com a de Cloumpe.

O pinheiro ficára pensativo, na floresta as aves nunca lhe haviam contado semelhante coisa.

— Esta historia deve ser verdadeira, pensou elle consigo; o velho que a contou parece ser digno de confiança; quem sabe se eu mesmo não terei aquella felicidade, cahir por uma escada abaixo e casar com uma princeza. Amanhã adornam-me provavelmente de novo; erguer-me-ei cheio de luzes e prendas, e escutarei mais uma vez a tal historia, e quem sabe se a de Ivede. Depois se entregou aos seus pensamentos e ficou toda a noite sombrio e silencioso.

\* \* \*

Na manhã seguinte os criados entraram na sala.

— Vão arranjar-me, pensou a arvore. Mas arrastaram-na para fóra da sala, levaram-na para o sotão, e deixaram-na a um canto.

— Que quer isto dizer ? para que me trazem para aqui, onde para nada sirvo ? E encostou-se á parede reflectindo. Bastante tempo tinha elle para pensar, pois os dias e as noites passaram sem que pessoa alguma entrasse no sotão; um dia foram lá buscar umas caixas velhas, mas no pinheiro nem buliram.

— Estamos agora no inverno, pensava elle, a terra está dura e coberta de neve; esperam a primavera para me plantarem, foi talvez para isto que me abrigaram.

Como os homens são prevenidos ! O que me custa mais é ser o sotão tão triste e só; nem sequer apparece uma lebre por aqui. Era tão bom quando um animalsinho qualquer vinha brincar á minha sombra, e quando as aves tagarellas viuham cantar e chilrear nos meus ramos. Então enfiava-me com bem pouca razão; aqui nada ha disso; ai, que terrivel castigo.

— Pip ! pip ! exclamaram dois ratinhos, que sahiram da sua toca, seguidos logo por um terceiro. Cheiraram, farejaram o pinheiro e treparam pelo tronco.

— Ai ! que frio ! disse um, não sentes frio, velho pinheiro ?

— Eu não sou velho, disse a arvore, ha muitos mais idosos do que eu.

— Donde vieste ? então que sabes ? viajaste muito por este mundo ? Então já sabes onde são os armarios e a dispensa, onde ha muitos queijos postos em taboas, e presuntos pendurados, onde se entra magro e donde se sae gordo ?

Não conheço essas coisas, mas conheço a floresta onde o sol brilha e as aves entoam os seus gorgeios, — e contou-lhes a sua mocidade, e a sua vida na floresta.

Os ratos, que não tinham ouvido coisas semelhantes, exclamaram :

— Que feliz tu és por teres visto tantas coisas !

— Sim, disse elle, nesse tempo, é verdade, era eu bem feliz ! — E contou-lhes ainda os successos da noite de Natal, sem se esquecer de descrever miudamente a magnificencia com que o haviam ornado. Os ratos escutavam-no com prazer.

— Tu sabes contar de um modo tão agradável !

No dia seguinte voltaram com quatro companheiros para que o pinheiro lhes contasse a sua vida. A arvore tornou a contar e acrescentou em voz baixa estas reflexões :

— Sim, sim, eram bons tempos aquelles, e quem sabe se voltarão. Cloumpe-Doumpe cahiu por uma escada abaixo e se casou com uma princeza — e dizendo isto lembrou-se de uma giesteira que havia na floresta e que parecia uma verdadeira noiva com o seu véo branco de mimosa transparencia.

Na seguinte noite teve elle um auditorio ainda mais numeroso, e no domingo vieram tambem duas grandes ratazanas para o ouvir.

— Só sabes essa historia ? perguntaram as ratazanas.

— Só esta, e a noite em que a ouvi pela primeira e ultima vez foi o mais feliz momento da minha vida.

— Não é lá muito interessante; não sabes nenhuma que fale do toucinho, da dispensa, das velas de sebo ?

— Não, não sei, respondeu a arvore.

— Bem, bem, obrigado, tenha saúde, disseram as ratazanas e voltaram para as tocas. Os ratos desapareceram tambem e a arvore ficou de novo sósinha.

— Era bem agradável, dizia o pinheiro depois, quando os ratinhos vinham sentar-se em roda de mim para ouvirem a minha historia; tambem isso acabou ! Quem me dêra fóra d'aquí !

\* \* \*

Uma manhã vieram os criados e levaram-no para o pateo.

— Revivo enfim, pensou a arvore, sentindo o ar livre e os raios do sol; e, na sua alegria, esqueceu-se de olhar para si, para os seus ramos seccos sem franças nem verdura. O pateo confinava com um magnifico jardim. As roseiras, as elematites, as baunilhas entrelaçavam-se nas grades, o

ar estava embalsamado de agradaveis aromas. As andorinhas voavam por entre as tilias.

— Sinto de novo a vida, pensava elle, sem reparar nos seus ramos seccos e nús. Sem reparar nas urtigas que o rodeavam. De todas as maravilhas do passado só lhe restava a estrella doirada, brilhando ao sol. No pateo brincavam algumas das alegres creanças que pelo Natal tinham dançado em roda do pinheiro. Uma correu para o pobre pinheiro, saltou e arrancou a estrella.

— Olhem o que eu achei neste pinheiro velho, gritou o pequeno caminhando sobre os ramos que estalavam e se partiam. A arvore examinou-se então, reparou em si; achou-se tão feio ao lado das arvores que verdejavam e floresciaam; desejou estar ainda no canto do sotão; recordou-se então, cheio de amargura, da sua mocidade vigorosa passada na floresta, e nas passageras glorias da noite do Natal.

— Misero, infeliz de mim, pensava elle, tive a felicidade e não soube gozal-a.

Tudo acabou para mim. Veio depois um criado, cortou o pinheiro em bocados, fez um feixe, levou-o para a cozinha e metteu-o no fogão. Instantes depois do ambicioso pinheiro só restava um punhado de cinzas. A historia deste pinheiro é a de muitos homens.

Felizes na condição modesta em que nasceram, desconhecem a sua felicidade; a vaidade e a ambição os levam para longinquos paizes. Como as arvores a quem falta o solo e o clima natal, vão morrer sobre a terra estrangeira, lastimando, mas muito tarde, a sua louca ambição.

---

**Dra. MARIA MONTESSORI**

**Pédagogie Scientifique**

2 VOLUMES

VENDE-SE NA CASA RAMALHO-MACEIÓ

# Historia do Brazil

## A QUESTÃO MILITAR

AURYNO MACIEL

"Questão militar", como expressão isolada na nossa historia, abrange toda a theoria dos nossos epiphenomenos politicos.

A militarista está visceralmente ligada aos principaes factos da nossa vida civil.

A administração publica brasileira começou como no periodo heroico dos povos classicos: o magistrado era o executor da sua própria justiça.

O senado romano governava e administrava: tornava semelhantes ás leis certas ordenações geraes. Aquelle que detinha o "imperio" tinha, na mesma medida, a "judicatura". Cicero preceituava: "*Omnes magistratus auspiciū judiciumque habent.* (DE LEGIBUS—Livro III, 3).

Até que se constituiu o Imperio, os nossos administradores—os donatarios, os capitães-mores, os governadores geraes, os vice-reis—eram verdadeiros Josué ou Gedeões.

Ainda que em casos ordinarios, a decisão, tanto no crime, como no civil, fosse como era, da jurisdicção privativa das autoridades judicarias, todavia uma ordem do capitão-general bastava em todas as occasiões ou para suspender ou para reduzir a nullidade as sentenças legaes. (1).

E ainda depois de organizada a monarchia, distribuidas as funções providenciaes da tropa, segundo os imperativos do constitucionalismo triumphante, o espirito militar não se conteve na sua esphera

estricta de acção, como poder *ex-machina* na jerarchia do Estado moderno.

As constantes interferencias da força num ou noutro orgão da Soberania, por malavisada consciencia da finalidade militar, têm sempre provado contra as conquistas da civilização.

A' fiuza de corrigir um defeito, põe á mostra ou defeito maior.

Conforme as preclaras induções de Bluntschli sobre os direitos e deveres dos funcionarios do Estado, *Théorie générale de l'Etat*—p. 462[4] pôde-se considerar o exercito um "funcionario colectivo", em que pese á extravagancia.

Os deveres do funcionario decorrem dos seus direitos.

Deve obediencia aos seus superiores e fidelidade ao Estado.

Aquelle que cumpre ordens — é a lição do sabio internacionalista helvético — tem o direito de examinar se ellas são regulares, isto é, se emanam realmente de superior necessario e se lhe são transmittidas de accordo com as fórmulas legaes extrinsecas.

Não é obrigado, porém, a ceder a injunções do capricho, violadoras do texto expresso da lei — que é o direito escripto e sagrado.

Ninguem deve obediencia a ordens que offendem sentimentos personalissimos, como os actos de consciencia, ou que acarretam cumplicidade em crimes. Actos culposos não criam deveres.

Não pôde, por outro lado, recusar cumprir uma ordem que, por simples pre-

(1)—Rocha Pombo — *Hist. do Brasil Illustrada* — t. VI — pag. 113.

sumpção, lhe pareça illegal ou injusta, ou que venha contrariar-lhe pendores sentimentaes.

O dever, como a virtude, é uma força, que ninguém contraria sem desmoralizar.

O exercito não é uma autoridade, conquanto seja a força mantenedora dos direitos publicos.

O espirito de fidelidade, diz Bluntschli, vae mais além do dever de obediencia. Um impõe o cumprimento estricto da ordem dada; o outro domina nos actos espontaneos.

Póde-se, mesmo em pontos capitaes — mas insulados — divergir dos chefes, sem fallar ao dever de fidelidade. Se a divergencia, porém, é permanente e radical; se, por exemplo, na Monarchia, se declara republicano, ou na Republica monarchista quebra-se a fidelidade; todavia, póde-se ter convicções antagonicas e systematicas, sem se deixar de ser fiel, desde que os pontos de vista sejam reservados e discretos; se, ao revés disso, se quer militar em favor delles, o primeiro dever é demittir-se de toda outra responsabilidade externa, que possa collidir com a vontade e o pensamento em acção. (2)

Foi o que fez Euclides da Cunha, com excepçional coerença, quando quis responsabilizar a nação, através do exercito — elle cabo de guerra da mesma campanha — pelo crime de Canudos, de que levantou nos *Sertões* o libello de ferro em brasa.

Ruy Barbosa, que podia estar apaixonado, mas falava, á maravilha, a palavra nobre da razão e do direito, definiu, no seu estylo compassado de martello mecanico, o exercito puro e o caudilhismo semi-barbaro: "Entre as instituições militares e o militarismo, vae, em substancia, o abismo de uma contradicção radical. O mili-

tarismo, governo da nação pela espada, arruina as instituições militares, subalternidade legal da espada á nação. As instituições militares organizam juridicamente a força. O militarismo a desorganiza. O militarismo está para o exercito, como o fanatismo para a religião, como o charlatanismo para a sciencia, como o industrialismo para a industria, como o mercantilismo para o commercio, como o cesarismo para a realeza, como o demagogismo para a democracia, como o absolutismo para a ordem, como o egoismo para o eu. Ellas são a regra; elle, a anarchia. Ellas, a moralidade; elle, a corrupção. Ellas, a defesa nacional. Elle, o dismantelo, o solapamento, a aluição dessa defesa, encarecida nos orçamentos, mas reduzida, na sua expressão real, a um simulacro". (3)

E esclarecendo o seu modo de ver: "A nação governa. O exercito, como os demais orgãos do país, obedece. Nesses limites, é necessario, é inestimavel o seu papel; e no observancia delles reside o seu segredo, a condição da sua popularidade". (4)

A acção do militarismo mexicano e das outras republicas espanholas, como o Perú, a Bolivia, a Colombia, em que a força armada se immiscue nos negocios da "causa publica", criando "situações", apéando e guindando partidos, ao sabor das suas preferencias ou do chamado espirito de classe, tem sido um estorvo ao equilibrio sommatico da politica interna desses Estados.

As armas e os barões assignalados de Camões que deram a Portugal, no tempo do Príncipe Perfeito e de D. Manuel — o venturoso, foracs de nação nobre, ganhando batalhas e terras, de mistura, em nome do

(3) — Ruy Barbosa — *Contra o militarismo* — t. I, p. 43.

(4) — *Idem id.* — p. 107.

(2) — Bluntschli — *Ob. cit.*, p. 466.

seu rei, fazem agora o crepúsculo da República portuguesa sob a espada variavel dos seus dictadores.

“Outros são os fins, os nobres e elevados alvos para que são criados os exercitos. Classe depositaria dos brios nacionaes em face do estrangeiro, guarda avançada da integridade do territorio, grupo eleito, seleccionado para hastear bem alta e impoluta a bandeira da patria, e representar a sua honra; bem consideraveis, bem superiores são os deveres, os encargos dos militares. (5)

A moral dos individuos não differe da moral das nacionalidades.

A moral, disse Nietzsche, é o medo do vizinho.

Os exercitos são para garantir a ordem interna e falar grosso nas fronteiras.

“Se elles abandonam a serenidade de animo deante das lutas nacionaes, se vão metter-se nellas, acompanhar facções, seguir agrupamentos : quando a desordem lavrar seriamente no pais, quem hade sair para a combater, para lutar pela ordem, que sempre e em todos os tempos se chamou lutar pela paz e pelo bem ?” (6) São ainda de Sylvio Romero estas considerações bem avisadas: “Durante a nossa vida de nação independente... a força militar tinha apparecido por vezes na arena politica, a proposito, como guiada por um espirito superior; praticava o seu feito, ajudava o mundo civil, e retirava-se tambem a proposito... (p. LVI) Desde os prodromos de nossa independencia, a força armada tem sido poderoso auxiliar em todas as aspirações da liberdade e progresso. Foi ella que aos 26 de fevereiro de 1821 fez famosa reunião em que se aventou e deci-

diu a partida de D. João VI para fóra do Brasil... (p. LXX).

Sylvio Romero faz restricções. A acção benemerita, seja dito, da milicia na vida organica brasileira não data apenas de quando fomos “nação independente”. Antes dahi começaram as suas incurções abusivas nas nossas competições facciosas. O exercito, com a victoria de 7 de abril (1931), diz o capitão Genserico de Vasconcellos, (7) entrou na politica partidaria.

O fator militar na formação da nossa nacionalidade pode-se apreciar desde os 600 homens d'armas com quem Thomé de Sousa desembarcou na Bahia em 29 de março de 1549.

Seria palavroso citar a frota do descobrimento, a frota de Americo Vespuccio, de Gonçalo Coelho, de Christovam Jacques e Martin Affonso de Souza, que fizeram as primeiras explorações da nossa costa, como expedições propedeuticas desse cyclo heroico, vindas com intenção mais larga do que firmarem sobre estes immensos latifundios a posse armada do dono.

O que é certo, porém, é que a defesa do littoral contra a pirataria hollandesa, inglesa e francesa (o rei de França dizia que nunca havia lido o testamento em que Adão legou o mundo aos espanhoes e portugueses), e a expansão para o occidente com as entradas e bandeiras, apagando a linha fatal de Tordesilhas, foram uma consequencia da organização das milicias colonias, de accordo com regimento de El-Rei D. João III de 1548, trazido pelo primeiro governador-geral, e de 1570, baixado pelo cavalheiresco e desafortunado D. Sebastião. Dellas dizia von Martius no seu originalissimo trabalho *Como se*

(5) — Sylvio Romero — *Doutrina contra doutrina* — p. XL.

(6) — Idem id. — p. LXI.

(7) — *Historia Militar do Brasil* — p. 46.

*deve escrever a historia do Brasil*: “A influencia dessas milicias é grande e importante por dous motivos: por uma parte ellas fortaleciam e conservavam o espirito de empresas aventureiras, viagens de desenvolvimentos, e extensão do dominio portuguez; favoreciam o desenvolvimento de instituições municipaes livres... De outro lado achamos tambem nisso a causa dos successos das armas portuguezas contra diversos invasores...”

Sylvio Romero tambem exagera. No dia 26 de fevereiro de 1821 a tropa não se reuniu para resolver a partida de D. João VI para fóra do Brasil. Essa resolução foi tomada pacificamente em Conselho de Estado, contra o voto de Silvestre Pinheiro e a vontade do pobre D. João. (8)

— Que remedio Silvestre Pinheiro, fomos vencidos! — lamentava elle depois da sessão, sentindo-se quasi chorar por deixar o Brasil, onde — segundo confessou — fôra verdadeiramente feliz e fôra de facto rei.

A tropa, é certo, esteve reunida com o povo nesse dia 26; mas as suas exigencias, com o padre Macambôa á frente da turba, foram para que fosse immediatamente jurada por D. João a “Constituição portuguesa” tal qual a votassem as Cortes de Lisboa.

Uma analyse perecuciente dos factos pode apurar a nenhuma elevação moral desse benemerito pronunciamento.

A tropa, em vez de agir por espirito liberal, cedeu a sollicitações mercenarias, subornada pelo dinheiro que correu a rodo para movê-la a decidir-se. (9)

E’ de justiça, porém, reconhecer que essa trepa não era ainda a legitima milita-

ria brasileira: era a *celebre divisão auxiliadora* que, nas andanças finaes da Independencia prestou desserviços incomparaveis á causa nativista.

“A intervenção militar na revolução de 7 de abril era summamente injusta, por quanto o melhor amigo do exercito era o Imperador. Pedro I, quaesquer que fossem as suas faltas, tinha em relação ao exercito uma compreensão muito mais clara da sua necessidade e do seu papel do que a legislatura cuja hostilidade o derribou. Ao liberalismo brasileiro a effiçencia militar do exercito parece sempre secundaia; a sua funcção primordial, consagrada a 7 de abril e em 15 de novembro, é a grande funcção civica libertadora”. (10).

Póde-se fazer qualquer reserva, sem civa de exacerbação civilista, sobre o julgamento, oracular e serenissimo nas suas linhas geraes, do analysta elegante e sobrio da “Minha Formação”: 7 de abril de 1831 e 15 de novembro de 1889 trouxeram para os fastos da politica brasileira uma tradição heroica apenas grata á philosophia machiavelica dos factos consumados, nunca aos principios fundamentaes da nossa historia, como mestra da vida.

Em ambas a mesma ausencia de ideal determinado, de vontade civil, de consciencia popular do direito, isto é, a convicção dos direitos collectivos que era de mistér declarar ou reivindicar pela força serena.

Miguel de Frias sollicitava de D. Pedro I, em nome da tropa, apenas a substituição de um ministerio; e trouxe, escandalizado a abdicção, o reinado do “neto de Marco Aurelio”.

Deodoro, apesar da sua continuação republicana, não sollicitaria a D. Pedro II além da mudança dos seus ministros, para desagravo dos brios do exercito: ao reco-

(8) — Tobias Monteiro — *Hist. do Imperio* — t. I, p. 323: Borges dos Reis — *Historia do Brasil* — t. II, p. 61.

lher, porém, da radiosa parada, havia feito a Republica (11)

O espirito militar, ou mais á justa, a "questão militar", tinha a favor da sua irrequietude dous estimulantes precipuos á sua actuação violenta na queda da monarchia: em primeiro logar, o orgulho de haver-nos feito vencer no Paraguay com a sua bravura decisiva: como consequencia foi enorme o prestigio que, não apenas os prinipaes chefes milites, mas o exercito em peso, conquistaram em todo o pais, fascinado, até ao delirio, com a sua heroicidade; em segundo logar, a reacção do governo, sem apoio em textos legais, por presumçoso principio de autoridade, contra a altivez militar em assumptos de liberdade de opinião.

De volta do Prata, onde se puseram em contacto com a democracia espanhola — salerosa e meio fanfarrã — os nossos officiaes deixaram-se influenciar por certos usos e costumes dos seus collegas argentinos ou uruguayos ou paraguayos, adoptando a calça-balão — irmã de bombacha — e o rebenque preso ao pulso por uma corrente de prata, afóra outros habitos impostos pelas necessidades da guerra ou pela fatalidade do clima aspero e diverso daquellas paragens. (12)

Aquelles paises, informa Tobias Monteiro, eram então uma escola de despotis-

(11) — Declarou que o ministerio estava disposto e que se organizaria outro de accordo com as indicações que iria levar ao Imperador. (Visconde de Ouro Preto — *Advento da dictadura no Brasil* — p. 70). E antes, na noite de 16 de outubro de 1889, dissera: Assestarei á artilheria, levarei sete ministros á praça publica e me entregarei depois ao povo para julgar-me. (Ernesto Senna — *Deodoro, subsídios para a historia* — p. 103).

mo e caudilhagem, sob a politica intemperante e esmaniada dos Rosas, dos Riveras e dos Lopez.

Até o ultimo destes, que nos levou á guerra, despertou admirações...

Voltando de assistir ao desfecho de Acaudaban, em que Lopez morreu decentemente recusando render-se, dizia Floriano Peixoto, então major da columna expedicionaria: — "De um homem daquelles é que nós carecemos no Brasil". (13)

No ultimo quartel do seculo XIX agitavam a politica nacional varios problemas de visceral interesse para a segurança do antigo regimen: delles a abolição era o problema capital, era o problema por excellencia, porque se alimentava dos sentimentos incoerciveis da multidão, enquanto feria os chamados interesses inconfessaveis da negregada casta escravista; da abolição formou-se, por sissiparidade, a questão militar — que a sobrepujou em extensão politica, até culminar na revolução ou, como lhe chamou displicentemente Euclides da Cunha, no "passeio marcial de 15 de novembro" (14); em seguida a questão religiosa que, não obstante estremecer tambem a sentimentalidade popular, consultava mais a consciencia individual do que as competições dos partidos apaixonados na eterna luta pelo poder.

Depois da guerra do Paraguay a antiga Escola Central, onde se formava conjuntamente a fina flor do exercito e os engenheiros civis, foi dividida em Escola Militar e em Escola Polytechnica, segregando-se cada qual no seu elemento, para atingir a disciplina e a perfeição pratica que estavam na finalidade de ambas.

A Escola Militar, porém, não se reduziu á simples funcção de aperfeiçoar-se technicamente: apaixonou-se pelos sentimentos de humanidade, que inflammavam

então os centros de cultura cívica ou política, e entrou vehemente na campanha da abolição.

O exercito, na sua maioria letrada, era francamente abolicionista. Trasia, além das nobres solicitações personalissimas, a reminiscencia dos vexames que soffremos entre os povos platinos, durante os cinco annos da campanha contra Lopez, por sermos ainda um atrasado pais negreiro.

Ao chegar ao Rio em abril de 1884 o celebrado jangadeiro cearense Francisco do Nascimento, fez-lhe na sua séde uma manifestação brilhantissima, registrada pela imprensa, a Escola de Tiro de Campo Grande, da qual era commandante o tenente-coronel Senna Madureira. O Marquez da Gavea, ajudante-general do exercito, pediu informações áquelle official sobre se o facto era verdadeiro.

Madureira respondeu que não reconhecia competencia na repartição do ajudante-general para inquerir do que se passava no interior da sua Escola — só subordinada ao Conde d'Eu, commandante geral da artilheria, e por isso "entendia nada dever responder".

Foi demittido a bem da disciplina do exercito.

Seria outra violencia.

Dois annos mais tarde esse primeiro incidente, ceva de orgulho militar mal ferido, reflue na grande "questão militar" — soprada já pelo odio de todo exercito contra o governo comprometido pelos politicos faccis.

O facto culminante da "questão militar" — a grande, a que fez estremecer nos seus fundamentos o Imperio — foi a prisão do coronel Cunha Mattos, nome illustre no exercito, ao mesmo tempo justa e injusto, ordenada pelo Ministro da Guerra em julho de 1886. Não byzantinizo.

Justa, na apparencia, porque corrigia uma falta disciplinar.

Injusta, porque a falta procedia de um erro do Ministro no despacho que deu a um caso em que era de mister correição moralizadora e não a disfarçada parcialidade de que deu exemplo, a tolerancia, a transigencia, os meios gestos, a especie de "bandeira da misericordia", que acalenta, que estimula, que acoração, ao influxo mal-são da politicalha, todas as deshonestidades.

Nas suas linhas geraes foi assim o incidente :

Designado para fiscalizar uma companhia isolada de Infantaria do Piahy, Cunha Mattos verificou escandaloso desvio de fardamentos, do qua deu parte immediata ao governo, em relatorio, louvando se em documentos irrefragaveis.

Propôs com louvavel serenidade, fosse nomeada uma commissão de pessoas estranhas á provincia, evitando a interferencia da politiquinha no resultado, para reconhecer os responsaveis pelo escandalo, e que fosse afastado do commando daquella unidade o capitão Pedro José de Lima, a quem os documentos accusavam.

Representou Pedro Lima contra Cunha Mattos, increpando-o de haver feito a inspecção agodadamente e de não ter denunciado correligionarios seus, implicados nos furtos.

Sem apurar a verdade toda, o ministro, deputado Alfredo Chaves, mandou submeter o capitão a conselho de guerra.

Resultado negativo, porque o conselho não se louvaria num processo apenas iniciado, sem documentos definitivos, e sobretudo increpado de faccioso.

Occupou se, na Camara, desse facto o deputado piahyense Simplicio Coelho de Rezende, ponderando ao ministro tomasse tento no caso "para não pôr o pé em terre-

no falso, porque os militares que immiscuiam na politica, não só conheciam as regras da estrategia, como tinham a argucia da raposa”.

Cunha Mattos veiu á imprensa ; e depois de historiar o assumpto, declarou “não estar resolvido a levantar os insultos que da tribuna irresponsavel lhe dirigiu o Sr. deputado Coelho de Rezende, naturalmente por ordem do seu constante companheiro de solo no Piauhy”.

#### Alludia ao capitão Pedro Lima.

Em resposta a esse artigo e a essa allusão, Coelho de Rezende voltou á tribuna e expliou tremendas injurias ao coronel Cunha Mattos, entre outras, que “esteve ao soldo do Paraguay”, e que prisioneiro de Lopez, dirigira a artilharia inimiga contra as tropas brasileiras”.

Cunha Mattos revidou-o energeticamente em segundo e terceiro artigo e terminou por affirmar que todo o incidente proviera do erro do ministro, no despacho dado ao seu relatorio.

Foi mandado advertir em ordem do dia e em seguida preso por 48 horas no Estado maior.

Em torno desse segundo incidente corporificou-se, na sua formula definitiva, a theoria da “moral militar”, inspirada na pletora de individualismo de que se venceram as grandes e pequenas patentes do exercito :

— O official que é ferido em sua honra tem o direito imprescindivel de desagrar-se.

Assim falou da tribuna do Senado o general José Antonio Corrêa da Camara (Visconde de Pelotas), sem nenhuma singularidade, certamente, se as suas palavras não fossem além dos florões de fidalguia: falavam, porém, mas alto, em nome de toda a prosapia militar, superposta, na apparencia á propria nação.

Barros Barretto, senador por Pernambuco, aparteu-lhe avisadamente, como se lhe lembrasse a fé jurada da disciplina :

— Respondeu-lhe Pelotas com vehemencia.

— Se as leis o permittissem.

— Eu não digo que as leis o permittam ; estou dizendo ao nobre ministro da guerra o que eu entendo que deve fazer um militar, quando é ferido em sua honra, e que fique sabendo o nobre senador de Pernambuco que quem está falando assim, assim procederá sem se importar que haja lei que o véde. Eu ponho a minha honra acima de tudo.

Não se abafará de todo o eco dessas palavras, como um grito de alevante ao exercito, que se devia considerar ferido na pessoa do camarada, — quando explode no Rio Grande do Sul novo caso :

Atacado no Senado pelo senador Franco de Sá, ex-ministro da guerra, o tenente-coronel Antonio de Senna Madureira, commandante da Escola de Tiro do Rio Pardo, respondeu-lhe pela imprensa, sem licença previa.

Foi mandado reprender pelo ministro.

Protestou ainda pela imprensa e divulgou o pedido que formulára de um conselho de guerra para julgar da sua conduta. Não foi attendido.

Os officiaes da guarnição portalegrense reuniram-se com licença de Deodoro da Fonseca, commandante das armas e Vice-Presidente da Provincia em exercicio, para solidarizarem com Madureira e protestarem contra a prohibição inconstitucional de se manifestarem pela imprensa, quando offendidos.

Deodoro, interpellado a respeito de sua attitude, respondeu ao Barão de Cotegipe, chefe do gabinete que a reunião foi calma e que houve para ella motivos, pois “os militares não podem nem devem estar su-

jeitos a offensas e insultos de Francos de Sá e Simplicios, cuja immuniidade não os autoriza a dirigir insultos nem os isenta da precisa e conveniente resposta”.

Ainda Deodoro, desconsiderado pelo ministro da guerra, negou-se a repreender Madureira.

E voltou ao Rio, demittido das suas funções. Recebido entre ruidosas manifestações dos camaradas, viu-se aclamado chefe do movimento reivindicatorio.

Na verdade não havia aquellas leis invocadas por Barros Barretto; havia apenas *ordens, portarias, notas, avisos*. E o Barão de Cotegipe promettera a Deodoro, ainda no Rio Grande, que faria o Conselho Supremo Militar formular um projecto que attendesse ás reclamações contra o rigor da doutrina dos *avisos*, quando os militares fivessem de recorrer á imprensa; de facto o Conselho declarou que, segundo a Constituição, os officiaes como os demais cidadãos, tinham o direito de manifestar suas opiniões pela imprensa.

O governo não teve a coragem do erro.

Podia ter dirimido a “questão” mandando recolher os avisos inconstitucionaes.

Exigiu, porém, que Mattos e Madureira requeressem o cancellamento das *notas*.

Madureira declarára: — Cortem-me a mão, mas não queireiro.

Deodoro, aclamado chefe do movimento, com poderes para dirigir-se em nome do exercito, ao Imperador, escreveu uma longa carta a D. Pedro — reverenciosa, mas franca — pedindo-lhe a justiça que o conselho de ministros recusava. Por injunções do ministerio foi demittido de quartel-mestre-general.

Nova reclamação por carta ao Imperador, menos longa, ainda reverenciosa e mais positiva contra a impassibilidade do governo: — Senhor, vosso ministerio vos atraiçôa.

Sem resultado, Deodoro com o Visconde de Pelotas dirigiram ao Parlamento e á Nação um manifesto desassombrado, que, a pedido do conselheiro Dantas, Ruy Barbosa escreveu, com este fecho temeroso:

— Havemos de ser consequentes, como quem não conhece por onde se recua sem honra.

Estamos a 14 de maio de 1887. O Senado alarmou-se. E, approvando um requerimento de Silveira Martins, por signal que inimigo visceral de Deodoro, convidou o governo a fazer cessar os effeitos daquelles mal-aventurados avisos.

Restitua-se á monarchia a suspirada tranquillidade e aos quarteis a paz de Varsovia.

Porque a “questão militar” não acabára ali.

Rigorosamente, tivemos quatro questões militares. Tal foi a primeira.

A segunda: Um capitão-tenente da marinha, Leite Lobo, reformado, á paisana, portava-se mal numa casa duvidosa. Condado a conter-se, entrou em luta corporal com a policia, que, a despeito das suas declarações para identidade, as quaes, aliás, não podiam fazer fé, porque estava “quente” e podia estar mentindo, mandou metê-lo no xilindró entre os presos communs. O Club Naval protestou e pôs-se em sessão permanente até a completa reparação, (fev. de 1888).

O Club Militar solidarizou com os camaradas.

A imprensa republicana explorou o escandalo á maravilha, e o governo, por injunção das forças, tendo demittido o official que dirigiu a diligencia, demittiu tambem, contra a vontade do Barão de Cotegipe, o proprio chefe de Policia.

Caiu com elle o ministerio a 7 de março de 1888.

A terceira: Rixas inveteradas entre soldados da Policia e do Exercito deram lugar a um conflicto em S. Paulo, pelos fins de 1888. O chefe de Policia paulistano entrou no quartel do 17.º Batalhão de infantaria e verberou asperamente a conducta dos officiaes.

O tenente-coronel Honorato Caldas, commandante do batalhão, dissera em ordem do dia que o chefe de policia devia ter sido "posto fóra do quartel a couce d'armas", para exemplo da sua audacia e falta de compostura.

Em vista dessa exacerbação de animos, o governo central, mandou remover o batalhão.

Não estiveram os officiaes por essa solução dispersiva, e appellaram para a ajudante-general do Exercito, Severiano da Fonseca, irmão de Deodoro, exigindo a demissão da autoridade "a bem do serviço".

Concedendo-a, mas "a pedido", o governo ainda queria guardar o decoro na fraqueza ante o espirito militar fóra de forma.

Havia, certamente, por parte do Exercito, pundonores aggravados.

E o governo, com as suas meias providencias, ainda mais se compromettia.

Não se conformára o Exercito. O ajudante-general exige a demissão do chefe de policia pela unica maneira satisfactoria aos bríos do batalhão: "a bem do serviço".

Não havia tergiversal. E assim se fez, finalmente, a 4 de dez., de 1888.

Se o governo soubesse ser leal e energico, dando legitima satisfação á dignidade militar, indo ao encontro da tropa e exautorando uma autoridade abusiva, não infligiria ao póder civil as humilhações ainda mais atrozes do que as que provára o ministerio Cotegipe (Ruy Barbosa — QUESADA DO IMPERIO — t. I, p. 145).

A quarta "questão militar" começou com a chegada de Deodoro ao Rio, vindo do Matto-Grosso, aonde o levára uma expedição militar, cavilosa e "politica", unicamente para afastá-lo de novos e possíveis pronunciamentos.

O gabinete de 7 de junho de 1889, sob a presidencia do Visconde de Ouro-Preto, mandára-o voltar, ou fosse pelas más condições da soldadesca, curtindo fome e agruras, conforme a imprensa deblaterava, ou fosse que o proprio imperador achasse impatriotico deixar inutilizado em um recanto longineuo do pais um cabo de guerra como Deodoro. (Carlos Maximiliano — COMMENTARIOS A' CONSTITUIÇÃO BRASILEIRA, p. 81).

Quando do seu desembarque, os quartéis foram impedidos para se lhe evitarem manifestações da classe. E no mesmo dia o ministro da Fazenda, que era o proprio chefe do gabinete, mandou prender por motivo futil o official commandante da guarda do Thesouro.

De outra vez, ao entrar no ministerio da Marinha, porque os officiaes, ao cumprimentá-lo, não lhe tiraram o boné, repreendeu-os. Ignorava o Visconde de Ouro Preto que o soldado em continencia, não se descobre.

Não obstante ter sido a figura mais representativa da nobreza do imperio, pela severidade, pela coragem, pela altivez, pela tempera rigissima do caracter, os seus modos demasiado austeros desagradaram á militança. O Visconde de Ouro Preto teria encarnado a reacção necessaria, se não tivesse vindo tarde de mais.

A prevenção das classes armadas contra o throno incidia principalmente nos propósitos reaccionarios do governo, que agia por systema e programma politico, em ordem de reintegrar a tropa no seu legitimo papel de fautor e não factor da autoridade.

A demissão do coronel Mallet, de director da Escola Militar do Ceará, "a bem do serviço" — puro acto de força — precedeu uma desconsideração de pessimo effeito como prova disciplinar.

A 23 de outubro, deante dos officiaes chilenos que visitavam a Escola Militar,

Benjamin Constant, com um desassombro de predestinado, lavra no seu celebre discurso, em presença do proprio ministro da Guerra, o desagravo dos camaradas e traça, por assim dizer, para a mocidade e a nação inteira, suspensa das suas falas maravilhosas, o itinerario da revolução.

## A FIDELIDADE DO CÃO

ADALBERTO MARROQUIM

Num dia de calor senegalesco  
 Junto a um regato,  
 Ao pé d'uma clareira  
 Da matta brasileira,  
 — Recanto mais ou menos pittoresco,  
 Recolhido e pacato, —  
 Os bichos reunidos, conversavam...

Cada um delles dizia qualquer cousa  
 E todos (como é bem de vêr) fallavam  
 Do homem, suas acções, suas ciladas,

Senão quando, a raposa  
 Por ser ouvida, eleva o tom da voz:

— "Vejam só camaradas,

"O que é que pensa esse animal de nós:

"Eu, por exemplo, chama-me "manhosa",

"A cobra é "insidiosa",

"A corsa, "arisca", a fuinha, "diligente",

"O cavallo, a "nobreza" equificada,

"A formiga, "economica e prudente",

"E a cigarra, "estragada"!

"Alli, nosso compadre e amigo burro

"E' "teimoso" e "casmurro";  
 "A preguiça é "o pae e a mãe do ocio";  
 "O lobo lá da Europa é "traíçoeiro"  
 "O cordeiro "innocente";  
 "O boi, "paciente";  
 "O macaco, "matreiro".

"Mas de todos os bichos deste mundo,  
 "Aparte a nossa velha inimizade,  
 "Um se pode gabar e ter vaedade  
 "Pois faz jús ao respeito mais profundo!  
 <Um geral movimento de atenção  
 e de curiosidade>.

"E' o cão, meus senhores,  
 A imagem viva da fidelidade!

Sensação! Houvè um fremito na matta!...  
 Das aves de rapina,  
 Aos passaros cantores,  
 Da fera mais feroz, á mais pacata,

Da onça pintada ao rato punaré,  
 Tudo bradou!

Oh!, Não! se imagina!  
 Echoou pela matta enorme trom  
 A cabra fez: mé!... mé!...

O burro fez Hon! Hon!  
 Da copa de uma velha sapucaia  
 Ouvia-se o grito agudo da jandaia;  
 E foi tal a balburdia e a vozeria  
 Que eu não posso dizer, ainda hoje em dia,  
 Se aquillo fora applauzo, ou fora vaia!

Inda reinava o extranho reboliço  
 Quando o Guará, cntendo a multidão,

Pede silencio:—“Amigos, deixem disso,  
“Nem sempre quem mais grita tem razão.  
“Não façamos como o homem; respeitemos  
“A alheia opinião!

“Porque afinal de contas, a verdade  
“E’ que todos os bichos  
“Podem ser bons, leaes, nobres, fieis.  
“A questão é soffrer com humildade  
“Por parte do homem, todos os caprichos  
“Todos os pontapés!...

## ALAGOAS

de TITO DE BARROS

Para cantar a terra onde nasci, me basta  
Ao acaso, tocar-lhe as notas de harmonia: .  
Em quedas, Paulo Affonso, o São Francisco arrasta ...  
Palmares, de Zumbi, republica bravia ...

A Lagôa do Norte, a joia que se engasta,  
Entre rios e mar, incessante, irradia  
Pão e luz, dupla luz, á proletaria casta,  
Aclarando-lhe a noite amargamente fria ...

A bondade e o valor, na paz como na guerra,  
Dos Fonseca, eleva, engrandece uma raça,  
E este nucleo de heróes florio na minha terra ...

A Floriano Peixoto, a gloria que se enlaça,  
Proclama-o redivivo, o pinçaro da serra  
Da bravura sem par, do civismo sem jaça ...

# Lingua Portuguêsa

RUY BARBOSA X CARNEIRO RIBEIRO

PESCAR PEIXE—COLHER PEIXE

209 — “Pescar peixe é expressão pleonástica”, diz, em tom de quem houvesse descoberto um novo planeta, o dr. Carneiro.

Mas será minha, por ventura, a phrase, pescar peixe ? Será minha ? Ou é do sr. professor ?

O meu texto, sobre que recae a sua severidade, está redigido assim :

“Pertence ao pescador, o peixe, que pescar, e o que, arpoado, ou farpado perseguir, embora outrem o colha”.

Em pescar peixe, o pescar e o peixe estão na mesma sentença, compondo a enunciação de uma só idéa. Dá-se, logo, o pleonasma, visto se repetir no regimen, peixe, a idéa já enunciada no verbo pescar.

Na phrase, porem, “Pertence ao pescador o peixe, que pescar”, duas orações ha, traduzindo cada uma o seu pensamento. Na primeira tão sómente se diz que “pertence ao pescador o peixe”. Designa-se então no pescador o proprietario do peixe. Na segunda limita-se essa propriedade ao “que pescar”. São idéas distinctas, significadas em duas differentes, bem que uma a outra subordinadas.

Que faz, porém, o dr. Carneiro ? Extrae de uma oração o verbo pescar; saca da outra o vocabulo peixe; com as duas palavras, a seu bel-prazer conjugadas, tece uma proposição nova, de lavra exclusivamente sua; e do pleonasma que á força desse estratagemma obteve, carrega á minha conta a responsabilidade.

Será legitimo, será léal, será veraz esse systema de accusar ?

Crú é o pleonasma na sentença gisada pelo mestre : pescar peixe.

Se eu aldravadamente escrevesse comer comida, sonhar sonhos, dormir somno, viver vida, morrer morte, sorrir sorrisos, gemer gemido, sem um complemento, ou, sequer, um adjectivo, que modificasse a idéa expressa no objecto do verbo, poderia, talvez, incorrer em censura.

Mas nem de leve teria faltado á correcção, ou á elegancia, se escrevesse :

- “Arruinou-lhe o estomago, a comida que comia”.
- “Não imaginas o somno, que dormi”.
- “Acordei estremunhado com os sonhos, que sonhava”.
- “Era intoleravel a vida, que viviamos”.
- “Foi atroz a morte, de que morreu.”
- “Cortavam o coração os gemidos, que gemia”.
- “Revia o paraizo nos sorrisos, que sorria”.

Semelhante poderíamos escrever :

- “Furtaram ao pescador o peixe, que pescava”.
- “Deixaste-me os peixes, que pesquei”.
- “Apodreceu-nos o peixe, que pescamos”.
- “Vendieis o peixe, que pescaveis”.
- “Iam comendo o peixe, que pescavam”.

O peixe que pescara, os peixes que pesquei, o peixe que pescamos, o peixe que pescaveis, o peixe que pescavam são formas vernaculas da maior trivialidade, absolutamente eguaes ás anteriores: “os sorrisos que sorria, os gemidos que gemia, a morte de que morreu, a vida que viviamos, os sonhos que sonhava, o somno que dormi”.

Assim mesmissimamente escrevia Castilho :

- “Inspirava-lhe com beijos os sonhos, que havia de sonhar”. (Am. e Melanc., p. 237).
- “Riqueza de que é rico o mundo todo”. (Excav. Poet., p. 180).
- “Com a vida que has vivido.” (Camões, p. 117).

Camões seculos antes dissera :

- “Com qualquer vento, que vente”.
- (Auto dos Amphitriões, a I, sc. 2).

E ainda antes Barros :

- “Com o vento que ventava”. (Dec. III, vi, 9).
- “Foy hum dos illustres feitos, que té aquelle tempo se fez. (Dec. II, i, 3.)

“Hum dos mais illustres feitos que se na India fizeram”. (ib. II, iii, 1).

“Por este ser um dos honrados feitos bem comedido e pelejado que té ly se fez na India”. (ib. III, iii, 4).

“Dos feitos que os portuguezes fizeram” é a clausula com que abre até a epigraphie de cada um dos livros na grande obra do velho historiador.

Depois Vieira :

“Se a vida que vivem é sua ou é de Christo”.  
(Serm., VI, p. 351.)

210 — Aliás, ainda quando eu tivesse usado simplesmente da locução pescar peixe, não me falleceriam abonos de primeira ordem entre os mestres. Não tenho neste sentido menos autor que Vieira, menos autor que João de Barros, menos autor, que Filinto Elysio, que Antonio de Castilho, que Alexandreerculano.

Não tenho menos autor que prova que o principe dos apóstolos, S. Pedro”. Vieira: Serm. v. II, p. 269.)

Eil-os :

“Diga-lhe ditos o papagaio, mas na sua cadeia.”  
(Vieira: Serm. v. I, p. 35).

“Nós em estado estamos que havemos mister milagres”. (Id., Cartas, v. IV, p. 106).

“Dos feitos que os portuguezes fizeram”. (Barros: Dec. I, l. VI, c. 1.)

“Adiado o dia. (Filinto Elysio: Obr., v. XIII, p. 313).

“Reedificar edificios”. (Castilho: Amor e Melanc. p. 184).

“Vieram faisear fagulhas”. Castilho: Fastos, v. II, p. 193).

“Vozear de muitas vozes”. (A. Hercul. O Monge de Cist., v. I, p. 53).

Nos livros santos não são raros esses pleonasmos. S. Paulo, por exemplo, disse: “ascendens in altum dedit dona hominibus. Subildo Christo ao céo, deu dons aos homens”. (Ad. Ephes. IV, 8).

E, semelhantemente, Lucas (XIV, 35)): "Qui habet **AURES AUDIENDI**, audit. Quem tiver ouvidos de ouvir, ouça-me".

Em dizer se encerra necessariamente a idéa de ditos, em estar a de estado, em fazer a de feitos, em adiar a de dia, em edificar a de edificio, em vozear a de vozes, em dar a de dons, em ouvido a de ouvir; e, contudo, esses grandes escriptores não se correram de escrever: vozear vozes, edificar edificios, adiar dias, fazer feitos, dizer ditos, estar em estado, dar dons, ouvido de ouvir.

211. — Apertemos ainda o ponto. Não é só com phrases equivalentes que se poderia justificar de todo a locução pescar peixe. Mais que analogia a seu favor tenho entre os arestos da lingua. Alguns consignam identica e tetualmente a mesma expressão: **Pescar peixe**".

Aqui estão:

"Com redes alheias ou feitas por mão alheia podem-se **PESCAR PEIXES**, homens não se podem pescar". (Vieira: Serm., v. I., p. 268).

Os **PESCADORES DE PEIXES PESCAM OS PEIXES** para que se comam". (Ib., v. II, p. 124).

Ahi temos não só pescar peixes, mas ainda pescadores de peixes, e ambas essas locuções cumulativamente, sucessivamente, contiguamente na mesma phrase.

**BLUTEAU** imitou-a, escrevendo :

"Quem **PESCA UM PEIXE**, pescador é". (Vocab. v. VI, p. 462).

E porque não ? Acaso em pescar se contém necessariamente a idéa de peixe ? Não. Com a idéa primitiva, original, innata á sua derivação latina (piscari, de piscis), com essa idéa, de tomar o peixe n'agua, lhe é commum a de tomar d'agua tudo o que nella viva, ou nella esteja. Pois não se pescam perolas ? não se pesca aljofar ?

"Fallando nos logares, onde se pescam perolas". (Barros: Dec. III, 1. VI, c. IV).

"Ambas aldeas de pescadores de algum aljofre pouco que alli pescam, e a villa Julfar, que é mais povoada, e de maior pescaria". (ib. Dec. III, 1. VI, c., IV, V. VI, p. 35).

“Quem disto tem mais experiencia são os que alli pescam o aljofre. (Ib. Dec. II, c. I, v. V. p. 105).

“A outra cousa que a mais nonrece é a pescaria das perolas, e a aljofre, que se alli pescam... Mas não é tamanha esta pescaria como a da ilha Ceilão da India... Das quaes pescarias e assim das que ha nas Antilhas de Castella, tratamos...” (ibid., p. 40-41.)

“Diz João de Barros que na ilha de Baharem a pescaria das perolas não é tamanha como a da ilha Ceilão”. (BLUTEAU: Vocab., v. VI, p. 462).

Não se pesca igualmente o coral ? Não se pesca a baleia e, como ella, todos os cetaceos, mammiferos marinhos, que certo não são peixes ? Não se pescam mariscos ? Rãs não se pescam : Pêcher des grenouilles, dizem os franceses (LAROUSSE); e a traducção, creio eu, não pôde ser outra. Pescar, em summa, “se dit de tout ce qu'on tire de l'eau”. (Littré, v. III, p. 1.025.) De tudo o que se tira d'agua se diz pescar. Por isso é comesinho o dizer-se: pescar um cadaver ? E DAMIÃO DE GOES (Chron. de D. Manuel, I, c. 60) disse: “Mandou pescar a artilharia”.

Até homens, por derradeiro, se pescam. (Faciam vos fieri pisca) tores hominum, dizia CHRISTO aos seus discipulos. (Math. IV, 19).

“Eram redes de pescadores, que haviam de pescar homens... Quem não sabe enfiar, nem sabe atar, como ha-de pescar homens ? (Vieira; Serm, v. I, p. 268).

“Esses homens não os havemos nós de pescar, para que elles os comam... Os pescadores de homens hão de pescar homens, para que se conservem”. (Id. v. II, p. 124.) Disse VOLTAIRE : “Oú a-t-il ou pêcher cet homme ?” e LESAGE :

“Oú assu pêché cette femme ?”

No fallar dos nossos bons autores, os mesmos canhões pescam. Freqüente vezes, em Barros, Jacinto Freire e outros, vemos pescar a artilheria :

“Andavam mudando o pouso das náos, e em toda a parte eram pescados com artilheria”. (Barros: Dec. II, v, 6).

“Estava um basilisco de ferro assy ordenado, que em maré cheia e vazia, pescava um batel, por pequeno que fosse”. (Ib., II, vii, 4.)

“Recolhido o Camorim em hum palmar á borda do navio, lá o toy pescar uma borbar-da, matando-lhe nove homens”. (Ib., I, VII, 6).

“...que os não podia pescar a nossa artilharia”. (J. Freire: D. João de C, II, 48).

“Não podiam assomar-se, que os não pescassem as balas do inimigo.” (Ib, 93).

“A nossa artilharia os pescava”. (Ib, 100).

Logo, se pescam homens, cadaveres, cetaceos, mariscos, ba-etracios, perolas, coraes, é que ao vocabulo pescar não se associa necessariamente o supposto de peixe; e, portanto, não seria licito rejeitar como pleonasma a locução pescar peixe, firmada aliás, de mais a mais, nos mais classicos exemplos.

212 — Quando, porém, fosse pleonasma, e condemnavel, (porque pleonasmos ha naturaes, correntios, elegantes, e, ainda, indispensaveis, existindo, até, palavras de seu natural pleonasticas) (\*), seria por estarem nesse dizer juxta postos os vocabulos pescae e peixe, servindo á mesma oração um delles de verbo, o outro de complemento directo.

(\*) Por exemplo: o verbo suicidar-se, em que o pronome se reitera a idéa da acção reflexa, já exarada no prefixo sui.

Coisa de todo ponto diversa é, porém, o que se observa na phrase: “Pertence ao pescador o peixe, que pescar. “Ahi verbo pescar, formando oração distincta, restringe a idéa traduzida no substantivo peixe. E nesses casos em que bastaria a adjunção de um simples adjectivo ao nome, para excluir a tacha de pleonasma, a oração do complemento restrictivo, por maioria de razão, legitima, banindo a nota de pleonasma, a associação do nome e verbo germanos no mesmo predicado.

Provas :

“As doces cantilenas, que cantavam  
Os semicapros deuses.....  
Cantando, escreverei”.

(Camões: Egl. VII. Obr. v, IV, p. 80).

“Como hei-de cantar o canto  
Que só se deve ao Senhor ?”

(Ib., v. V. ç. 17).

“Feitos farão tão dignos de memoria”.

(Cam., Lus. X. 71)

“A fazer feitos grandes de alta prova”.

(Ib., VI, 42).

“Destes tiros assim desordenados  
Que estes moços mal destros vão tirando”.

(Ib., IX, 34).

“E se o estoico morre uma morte certa,  
o christão morre duas tambem certas”.

(Vieira, Serm. v. I., p. 291).

“Que quem furta um furto tal”.

(Ib, v. III, p. 241).

“Haviam de morrer uma morte ordinaria”.

(Ib, v. VI. p. 281).

“Por quão bom feito fizera”. (D. Nunes, Cron. del-Rey D. João I, c. 6). “Cavalgou no cavallo de um dos commendadores”. (Ib., c. 27.) “Sem trazerem algum feito honroso”. (Ib., c. 40.) “Se fizeram feitos muito para se notarem”. (Ib., c. 49.) “Morrer de tão cruel morte”. (Ib., c. 51). “O feriu da ferida de que morreu”. (Ib., c. 69.) “Feitos notaveis, que na tomada se fizeram”. (Ib., c. 93.) “Cantavam cantares tão sentidos”. (Ib., c. 94.) “Naquelles cercos se fizeram tantos feitos assignalados”. (Ib., c. 97.) “Morrer morte violenta”. (Cron. del-Rey D. Affonso V, c. 8.) Ferido de feridas mortaes”. (Ib., c. 14). “Onde fez muitos feitos grandes em armas”. (Ib., c. 22.) “Vestiu-se de vestiduras reaes”. (Ib., c. 61). “Quem me desta riqueza enriquecesse ?” (A. Ferreira, Obr. I, p., 132). (Fazer grandes feitos de guerra”. (Leal Conselh., p. 58). “Offereçamos nossas offertas” (Ib., p. 98).

- “Vos amam de tal amor”. (Ib., p. 449).
- “Cantam curtos cantos”. (Ib., p. 449).
- “Perderia por sua descrença a maior perda, que poderia perder”. (Ib., p. 198).
- “Caem grandes quedas”. (Ib., p. 27).
- “De poucas feridas será ferido”. (Ib., p. 332).
- “Corra por carreira chã. (D. DUARTE : Liv. da Ensin. p. 623).
- “Trabalho em que os nossos fizeram honrados feitos”. (BARROS: Dec. III. I. 8).
- “Remava seu remo egual.” (Ib., III, VII, 3).
- “Corre com ledo sprito taes carreiras.) FERREIRA: Obr. v. II, p. 150).
- “Doutra nova coroa coroadá”. (Ib., p. 277).
- “Não se tirava da fortaleza tiro algum perdido”. (JACINTHO FREIRE: V. de D. João de Castro, II. p. 56.)
- “Onde fizeram tão heroicos feitos”. (Ib., II, p. 129).
- “Morreu uma morte ordinaria”. (VIEIRA : Serm., V. VI. p. 281).
- “Emquanto ventar este vento”. (Eufrosine, V. p. 4.)
- “Nunca fez bom feito”. (Ib., III, p. 2).
- “Cantar cantigas muito sentidas”. (Ib., IV. p. 1.)
- “Põe cobre no ouro, ou diz o menor dito. “Filinto, Elysio, (Obr. v. XIII, p. 44).
- “Vivera vida de continuo pensar”. (A. Herc. Lendas, v. I, p. 224.)
- “Não vivia elle a mais justificada vida”. (Ib. p. 257).
- “Sobraçada debaixo do braço esquerdo”. (Ib., V. II, p. 13).
- “Viveu vida pura”. (Hercul. Eur., p. 79).
- “Adormeceram do seu ultimo somno”. (Ib. mp. 120).
- “Somno curto dormido sobre a dura enxerga”. (Ib., p. 127).

- “Teremos dormido o nosso ultimo somno”.  
(Ib., p. 179).
- “Illumina de terrivel luz”. (Ib., M. de Cistér  
v. I, p. 231.)
- “O sol illumina-se da luz daquelle tempo”.  
(Ib., v. II, p. 59).
- “Viver de vida propria”. (Ib., p. 7.)
- “Viver de vida folgada do paço”. (Id., O.  
Bobo, p. 22.)
- “Morrerá morte infame”. (Ib., p. 248).
- “Jura solemne vos juro aqui”. (CASTILHO:  
Camões, p. 60).
- “Lhe cantam cantigas  
De muito folgar”.  
(Ib., p. 86).
- “Rir tentadores risos”. (CASTILHO : Am.  
E. Melanc p. 249).
- “Vivia vida tão romantica”. (Ib., p. 288.)
- “Dormia em brando feno os somnos faceis”.  
(Id. Fastos, v. II, p. 23).
- “Lutaram luta horrenda as labaredas”. (Ib.,  
v. LII, p. 141).
- “Dance a dança macabra”. (Id., Fausto. p.  
151).
- “Morreu morte christã”. (Ib., p. 239).
- “Vivendo a vida natural”. (Id., Colloq. Ald  
p. 97).
- “Empregar mais bem empregado”. (Ib., p.  
76.)
- “Dessedentar a rancorosa sede”. (CAMIL-  
LO: Carta de Guia de Cas., pref., p. 50).
- “Prende-o bem preso.” (Id., Georgicas, p.  
275).
- “A lyra, que suspira  
Maguado suspirar”.  
(Id., Amores, v. II, p. 9).
- “Nomeado o nome de Maria”. (VIEIRA :  
Serm. v. II, p. 209).
- “Jogam jogo de probabilidade e azar”. (CAS-  
TILHO: Colloquios, p. 204).

213 — Melhor, porém ainda que todos esses exemplos é que, a esse uso continuo do nosso idioma havia posto o dr. CARNEIRO a sua respeitavel chancella, grammaticando com o grammatico saber da sua grammatica :

“A certos verbos ajunta-se ás vezes complementos cognatos directos ou indirectos: Sonhar sonhos dourados; vestir um vestido elegante; olhar com olhos de lynce. Sonhei o mesmo sonho. Rogamos a Deus que não morramos de morte supitanea. Vida viver escura e abatida. (DR. CARNEIRO: Serões Grammatic., p. 320). Eis ahi a lição categorica do mestre, lição que traz raizes das mais antigas letras, desde os nossos livros sagrados. E’ de S. Paulo o expectante; beatam spem, e de CHRISTO o “vidit ibi hominem non vestitum veste murali”. (Math. XXII. II).

Tem alicerces bem caldeados, já se vê, o ensino do mestre.

Mal que eu, porem, tomando á sua grammaticologia o canon grammatical tão grammaticalmente formulado, lanço mão precisamente de um desses complementos cognatos indirectos, escrevendo: “Pertence ao pescador o peixe, que pescar”, já não tem grammaticalidade aquillo, já os complementos cognatos dessa especie recebem o stygma de ordinario pleonasmos.

Se ao menos o egregio professor tivesse a franqueza de abrenunciar com grammaticamente ingrammaticavel aquelle seu dictame. Tal, porém, não fez.

Seus discipulos continuarão a ler, nos Serões, que o privilegio dos complementos cognatos autoriza locuções como viver vida escura, sonhar sonhos dourados, morrer morte repentina, olhar com olhos de lynce, e eu a penar as penas de grammaticida, por haver escripto: “Ao pescador pertence o peixe, que pescar”.

Seja embora mais amplo na minha phrase que nos seus exemplos o complemento; porquanto nelles a modificação ou intragação da idéa significada pelo verbo se realiza apenas mediante um epitheto, como em sonhos dourados, ou um nome com a preposição de anteposta, como em olhos de lynce, ao passo que, no meu caso, é uma oração interna, que pescar, a que faz o officio de complemento. Acresce embora, ainda, em meu favor, que naquelles exemplos o verbo e o substantivo cognado, sonhar e sonho, vestir e vestido, olhar e olhos, na minha hypothese o substantivo peixe está numa sentença (“Pertence ao pescador o peixe” e noutra sentença (“que pescar”) é que se encontra o

verbo. Nada me vale. Invertem-se as razões de julgar, para que reforçando o gosto classico em phrases como vestir vestido elegante, e sonhar o mesmo sonho, a progenie grammatical do mestre não escandalize o idioma patrio com a ingrammaticalidade grosseira de attentados, como o meu no dizer: "Pertence ao pescador o peixe, que pescar".

214 — Ao grammaticalismo do insigne revisor, porém, tudo o mais ainda se relevaria, talvez, se elle, sequer, observasse a verdade material do caso. Mas a phrase, que eu escrevi, é uma; a de que elle me argúe, totalmente outra. Se eu dissesse meramente "pescar peixe", reproduziria no complemento do verbo a mesma idéa já por elle definida. Mas, dizendo que pertence ao pescador o peixe, que pescar, modifica e limita, com a clausula adjectiva "que pescar", a idéa geral encerrada no substantivo peixe.

Logo, se cabe o qualificativo de pleonastica á locução pescar peixe, confundir com essa e qualificar de pleonasmos a phrase "o peixe que pescar" não seria licito bem a um estudante attento, quanto mais a um emerito professor nem a um sophista desabusado, quanto mais o um espirito recto.

Antes que eu escrevesse: "Pertence ao pescador o peixe, que pescar", escrevera AL. HERCULANO: "para se regalar de ver a excellente prêa, que havia preado", e paginas adiante: "fez conduzir ao castello a prêa, que havia preado".

215 — Queria o mestre alli trocar o verbo pescar em apanhar. Mas ainda aqui não é de bom conselho o seu voto.

Attibuido ao pescador o peixe, que pescar, asseguro-lhe o dominio da pescaria por elle feita, do peixe que elle houve mediante o anzol, a rede e os demais artificios da pesca.

Consignando-lhe o peixe, que elle apanhar, dar-se-lhe-ia tudo o que elle colhesse ás mãos, onde quer que o encontrasse, dentro d'agua, ou fora, pescando, subtrahindo, arrebatando; o que era superlativamente absurdo.

Com o verbo pescar fariamos da apprehensão mediante a pesca o titulo de acquisição industrial quanto ao peixe. Com o verbo apanhar, tomar e seus equivalentes, imprimiamos na apprehensão do peixe pelo pescador, fosse qual fosse ella, o caracter acquisitivo da propriedade.

Mas essa propriedade não na alcança o pescador, apanhan-

do o peixe, como quer que o apanhe; adquira-a, se o apanhar pescando.

Do pescar, e não do apanhar, é que lhe resulta o direito.

Eis o que aquelle texto quiz significar; e de outra maneira o não podia fazer.

216 — Mas ainda não findei com o pescado. Mal se poderia comparar o mestre aos pescadores do alto, empenhados nos grandes lanços da fiska, ou da rede, nem ao pescador de canna, a quem satisfaz a pescaria, que lhe trouxer o anzol. Vae ás trutas, venha, ou não, de bragas enxutas. E' o mariscador, a quem não escapa nem a ameioja, nem a sapateira. Esses pescadores do razo porém, nem sempre acertam com o que esperam. Muita vez, quando já imaginam saborear a lagosta, ensaguetam os dedos no oiriço.

E' o caso.

Alem do peixe, que pescar, attribuiria eu ao pescador aquelle, em cujo encalço proseguir, depois de por elle arpoado, ou farpado, “embora outrem o colha”.

Pois é a esta expressão que o mestre no seu escabichar, accoima de “impropriedade”.

Numerosa lista de coisas susceptiveis de se colherem nos tece complacientemente, para concluir: “Mas não se diz com propriedade colher peixes.”

Colhem-se (elle o confessa) colhem-se ramos de arvores; colhe-se o fio, o cabo, a fateixa; colhem-se loiros e triumphos; colhem-se homens; colhem-se de sobresalto (poderia accrescentar) navios, esquadras, legiões, exercitos, praças, governos e povos. Colhem-se tambem as redes. (BLUTEAU: Vocab., v. VII, p. 171). Tambem se colhem velas. (Domingos Vieira, Moraes, Aulete e Figueredo. “Tempo é já de colhermos as redes”. pregou Vieira. (Serm. v. VI. p. 207). Em Filinto Elysio temos “Colhendo o manto” (Obr., v. II, p. 61), temos “colheu abrigo” (v. III, p. 305), temos o leão “numas redes colhido” (c) (v. XII, p. 59), temos, na fabula da aguia e do corvo, “o pastor, que lindamente o colhe”. (ib., p. 67-8.) temos um cão de fila que “colhe” um lobo (ib., p. 149) temos a Morte a dizer ao velho: “não te colho de salto” (v. XIII, p. 22), temos o rato “colhido pela ostra na alcaprema da sua concha (Ib., p. 50, 51), temos o

peregrino a colher prea" *ib.*, p. 137), temos as quixas de perdiz, que o caçador "colhe na enfunilada rede". (*ib.*, p. 188).

Se colhemos, pois, tudo o que anda ou corre na terra, desde o leão até a toupeira, desde o individuo até a multidão, tudo o que paira no ar, ou atravessa a atmosphera, desde o passarinho e a aguia até a chuva e o raio, tudo o que mergulha, ou fluctua no mar, desde a tarrafa até os pannos, desde a ancora até as navas, desde os barcos pescarejos até as frotas de guerra, se a mesma caça, miuda, ou grossa, colhem as redes do laçador (\*) só o peixe se não colheria, só entre este cerbo e esse nome se havia de estabelecer ou conciliabilidade vernacula ?

Não : este grammatiquismo é injusto com aquella classe de viventes. Tudo quanto se arrecada, se abrange, se recebe, se apanha, se surprehende, se toma, se adquire, se encalea, se maina, tudo isso propria, ou figuradamente, dadas certas circumstancias, se poderá colher.

Porque só o peixe não ?

Está errado o mestre. Temos até para o caso lição positiva. Abra o velho BLUTEAU, v. VII, p. 170, e lerá :

"E' aquella rede, que nós chamamos tarrafa, em alguns chumbeira, porque diz que sendo lançada dos pescadores, se estende em circuito, e todos os PEIXES que debaixo COLHE, prende."

Nem é senão ao colher do peixe nas rêdes que allude tambem, com a elegancia habitual, o autor da Carta de Guia de Casado quando falla em :

"Armar tão largas rêdes, para COLHER dentro dellas todos os casos".

Um grammatico familiarizado, em seara alheia, com o Corpus Juris, deve estar bem aperebido na sua. O mestre ha-de ter, pois em casa o BLUTEAU. Mas, se o não tem á mão, bas-

(\*) Assim na espirital montaria de humanas feras os predadores tocam a trombeta para levantarem a caça, os missionarios, e bons amigos, e conselheiros a vão seguindo, e os confessores a colhem nas redes". (M. Bernardes: Nov. Fl. v. IV, p. 82.)

Ed. de 1877, p. 273.

tará o CONSTANCIO, onde se acha expressamente registada a locução :

“Colher caça, peixe”.. (°°)

Agora, se tal estranheza lhe faz a expressão colher peixe, que não seria, se ouvisse fallar em caçal-o ? Caçar peixe !

Pois volva ao BLUTEAU, colha ás mão desta vez o vol. VI, á pag. 46, e veja como o reverendo vocabulista escreve impavidamente: “Dá Plinio o nome de pescadora a uma especie de rã, que anda á caça de peixe”. Ora, se até se caça, porque se não havia de colher o peixe ?

217 — Mais uma fisada no meu desfecha o mestre, afervorado em vender o da sua rasca. Acha o eximio professor que a expressão “embora outrem o colha” é de uma dissonancia notavel. Dissonancia ? notavel ? Mas porque não teve a condescendencia de nos dizer em que ? Allí não ha duas vogaes identicas em contiguidade. Hiato, pois, não se dá. Tambem não vejo em encontro consoantes asperas da mesma natureza. Varre-se, pois, a suspeita de collisão. Homophonia ou éco, é impossivel descobrir-lhe. Dos termos que nessa clausula se succedem ninguem extrahiria uma palavra, uma associação de idéas, torpe, indecente, risivel, ou menos delicada. Onde, portanto, a dissonancia, leve que seja ?

O illustre professor, assaz duro da orelha vernacula, para não distinguir em intrinseca validade o estrupido de uma cacophonia desbocada e trupitante, faz-se agora de uma subtileza auricular, a que nada satisfaz. Lembra-me certo critico musical, mouco de ambos os ouvidos, que não escutava dois compassos, sem topar em quatro desafinações.

(°°) Ed. de 1877, p. 271.

218 — Até a pontuação do trecho lhe não escapou ao arpéo. Acha-se virgulas de mais. Assim lhe apraz desforra-se das virgulas de menos que lhe eu demonstrei.

Deste assumpto me occuparei em separado, a seu tempo. Por emquanto, apenas o remetto a ANTONIO DE CASTILHO. Leia-lhe as Metamorphoses, prologo, texto, notas, e veja se eu só ã que virgulo antes das orações determinativas e de conjunções como e ou.

# A Disciplina da Liberdade

Nas classes pre-escolares que se baseiam especialmente sobre o processo Montessori, devem ser respeitadas as vontades dos alumnos, segundo a opinião de sua insigne fundadora.

Mas, diremos nós: e se uma creança tiver tendencias más, absurdas mesmo, isto é, se por uma birra qualquer com um seu colleguinha, ella atirar-lhe sobre a cabeça um pedaço de páu ou mesmo um brinquedo qualquer que lhe cause damno, a professora ficará inerte, accitará de bõa vontade essa manifestação expontanea? Não é possivel que a professora ceda a todos os caprichos da creança e nem que o methodo se baseie na liberdade absoluta dessas mesmas creanças.

E' certo que a disciplina tem como base fundamental — a liberdade dos alumnos. Mas, essa mesma liberdade deve ter suas tendencias educativas e disciplinares.

Se assim não fosse, muito depressa se transformaria uma sala de classe, ás vezes apertada e com muitos alumnos, num manicomio em miniatura, pois que de ordinario as creanças que entram n'essa classes, são traquinas demais, egoistas e cheias de vontades. A Illustre Educadora Dra. Maria Montessori quer que o alumno tenha o direito expontaneo de agir, mas de agir de um modo consciante, embora dentro do regimen da liberdade. Para isto ella manda que se habituem os alumnos desde os primeiros dias de aula, a respeitar as conveniencias alheias, educando-lhes as maneiras e os actos.

O alumno é senhor de si, pôde levantar-se quando quizer e conversar com quem entender; escolher o brinquedo que mais lhe agradar, trabalhar sentado, deitado no tapete; na classe ou fóra no galpão, con-

duzir sua cadeirinha para onde lhe convier, mas tudo isto dentro das normas da disciplina.

A professora não pôderá privar-o desta satisfação, mas deverá observal-o cuidadosamente, impedindo-o de maneira delicada que elle se entregue a actos inconvenientes. Logo que um alumno entra na classe deve se mostrar todos os objectos que lhe devem pertencer para os seus brinquedos, explicando-lhe o que se faz e o que não se admite. Por exemplo: olhe filhinho, este armario está cheio de brinquedos, é seu e de todos os seus colleguinhas, está tudo bem arrumado, voce pôde tirar d'aqui o brinquedo que mais lhe agradar e levar-o para onde quizer, para sua mesinha ou para o tapete, mas tenha todo o cuidado, não o deixe cahir e depois quando não quizer brincar mais, ponha-o aqui neste mesmo logar que é a casinha delle. Outro exemplo: olhe amorzinho, este pedaço de papel riscado não deve ficar no chão, um menino decente assim como você, não suja o chão, este papelzinho deve ir para a cesta dos papeis sujos; veja como eu faço, ponho-o aqui.

E assim começa cultivando na creança os habites de ordem, asseio e disciplina. Fazel-a observar muito, dando-lhe bons exemplos no fallar e nos gestos.

Estar sempre alegre e prompta a attendel-a com doçura, paciencia e satisfação. Se o alumno deseja um pouquinho d'agua para beber, nos primeiros dias a professora deve acompanhal-o fazendo-o observar direitinho como se faz, tirando a agua com cuidado, sem encher demais o cópo e dando-lhe outros conhecimentos uteis. Elle aprende depressa e mais tarde será o proprio alumno que se encarregará com



# Lição de Hygiene

MEUS AMIGUINHOS :

Na lição de hoje lhes direi alguma cousa dos males que alguns insectos causam ao homem e a necessidade que temos de combatel-os e de proteger os animaes, como as aves, que os destroem.

Vocês já ouviram falar em piolhos. O nome scientifico de alguns desses insectos é *Pediculus capitis*,

Vivem nos cabellos e, ás vezes, nas sobracelhas e na barba. Os ovos dos piolhos chamam-se lendeas. Uma femea póde pôr durante a vida de 80 a 100 lendeas.

Os piolhos têm um appetite insaciavel. Empanturram-se de sangue pelo menos duas vezes ao dia.

As picadas do insecto provocam prurido violento e erupções da pelle. São causadores dos impetigos ou manchas amarellas do couro cabelludo de certas crianças e transmissores de molestias mortaes como o typho exanthematico, typho recorrente europeu, etc.

No corpo das pessoas asseadas os piolhos não conseguem estabelecer-se.

Outro insecto nocivo e perigoso é a pulga.

Seu nome scientifico é *Pulex irritans*.

Na India, quando começa a apparecer mortandade de ratos, os Indús abandonam as casas apavorados. A peste está proxima.

A peste é doença do rato, mas é a pulga o meio de transporte ao homem.

Para evitar as pulgas deve-se promover a entrada do sol em abundancia nas habitações, a limpeza do assoalho, o arejamento amplo, o afastamento de cães, gatos e outros animaes domesticos, a irrigação dos gallinheiros de 4 em 4 dias com agua de creolina ou qualquer outro desinfectante.

Terminarei a lição de hoje falando-lhes de mais um insecto nocivo. Em outras lições terei ensejo de continuar a falar desses bichinhos maus.

Vocês já viram pessoas que têm papo ? Com certeza tiveram occasião de vel-as.

Essas pessoas foram picadas por um insecto chamado *barbeiro* ou *chupão*. O seu nome scientifico é *Triatoma magista*.

O nosso eminente patricio dr. Carlos Chagas estudou muito bem essa doença e, por isso, ficou muito conhecido não só em nosso paiz como tambem na Europa.

Não é o *chupão* o causador da doença, mas é elle o transmissor, isto é, o que a transporta ao doente.

Nem todas as pessôas que têm papo foram picadas pelo *barbeiro*. Ha uma doença chamada bocio endemico, que não é produzida pelo *chupão*. A que é transmittida por elle chama-se papeira parasitaria.

O *barbeiro* vive nas *cafúas*, casas feitas de taipa, cheias de frinchas onde se esconde. Nas casas de tijolos, bem rebocadas e caiadas, de assoalhos e forros sem fendas, os *chupões* não fazem seu abrigo.

## Methodo Montessori

Traduzido do espanhol, especialmente para  
a "Revista de Ensino"

M. DE POEW

(Continuação)

V

*A educação do systema muscular.*

Quando observamos um menino n'um jogo nos surprehende a lentidão de seus movimentos e chegamos promptamente á conclusão de que entretanto não os domina. Precisamente por isto, sente um impulso irresistivel para o exercicio dos seus mucleos e quer fazel-o todo ; se apodera de tudo o que cae ao alcance de sua mão. Os adultos acham intoleravel esta mania e não têm escrupulo de qualificar de máo, travesso ou nervoso o pobre me-

nino a quem a natureza estimula na sua propria educação. Na realidade quer exercitar seus musculos com a coordenação de seus movimentos. Longe de contriar este impulso, devemos favorecel-o e guiar delicadamente o menino para o exercicio que o seu organismo reclama. Uma vez em bom caminho se lança naturalmente para um fim; trabalha com ardor dez, vinte, cem vezes o mesmo movimento, sem cansar jamais; não ha mais do que deixal-o em paz para que continue; ás vezes grita de contentamento porque conseguiu fazer com a mão um movimento difficil.

Este trabalho espontâneo gera a disciplina, caracteristica da Casa dos Meninos. A educação do systema muscular pôde ope-

rar-se: Nos actos da vida quotidiana, (caminhar, levantar-se, sentar-se, manejar os objectos, etc.); na occasião de preparar a toilette; nos trabalhos domesticos; nos trabalhos manuaes propriamente ditos; por meio dos exercicios de gymnastica; pela gymnastica rithmada. *Os actos da vida quotidiana.* Tive a fortuna de assistir a um exercicio deste genero na Casa dos Meninos em Milão.

No começo do dia escolar, immediatamente depois da entrada na classe, os pequenos se agrupavam em circulo ao redor da mestra. Fazia esta um signal a uma das meninas, e uma encantadora, se aproximava della, a saudava affavelmente e lhe fazia uma reverencia capaz de despertar inveja a uma dama da Córte.

A mestra retira-se então para um lado da sala e a menina ocupa o lugar, chama a pequena camarada, que a saúda do mesmo modo, a substitue por sua vez, e assim successivamente, até que todas as meninas tivessem occasião de "saudar".

Os meninos inclinavam a cabeça e davam a mão. Tudo isto se executa com uma naturalidade e uma graça espontanea que me encantaram; os pequenos imitavam os maiores com alguma lentidão, muito concebivel, e com uma expressão de prazer communicativa. Por isso, depois de presenciar este exercicio não me surpreendia que estes meninos se portassem com tanta desenvoltura. *A toilette* — Num capitulo precedente batemos na necessidade de tornar o menino tão habil quanto possivel, independente do auxilio alheio para sua *toilette* especialmente; deve aprender a vestir-se e despir-se promptamente por si. O primeiro exercicio que tende a este fim, consiste em abotoar, dar laços ou atar peças de tecidos e de couro fixados respectivamente nos lados appostos de um quadro de madeira. O

menino senta-se comodamente adiante de uma mesinha, segurando o quadro deante de si. A mestra fica-lhe ao lado; desata as peças e mostra claramente como se devem executar os diversos movimentos. Se, por exemplo, quer ensinar-lhe a abotoar as peças, as reúne primeiramente, de maneira que coincidam exactamente as extremidades, de cima a baixo; depois, decompõe cada movimento; pega um botão entre os dedos e o eleva á casa correspondente, fal-o deslizar através da abertura e o passa para o outro lado. O menino mira evidentemente e começa depois a experiencia. Procede com ordem, decompõe os movimentos como vira a mestra fazer, repete muitas vezes o mesmo trabalho e adquire pouco a pouco uma grande habilidade na arte de abotoar e desabotoar. Bem depressa nasce o desejo de applicar esta arte a seus proprios vestidos e aos dos camaradas.

Assim pode-se ver nas Casas dos Meninos os pequenos ajudarem-se fraternalmente a vestir-se e a maior parte experimenta nesta occupação uma prazer tão intenso que protestam energicamente, ás vezes com um pouco de colera, quando um adulto tenta ajudal-os. Aprendem do mesmo modo a dar laços e ajuntar peças de tecidos e acabam por ligar peças de couro e a abotoal-as mediante um colchete chamado "alcochetador". Esta ultima occupação se realisa por causa dos laços e dos botões de calçado. A mestra não é obrigada a mostrar a operação a todos os meninos; uns olham os trabalhos dos outros e os imitam rapidamente com exito; os maiores se improvisam por outro lado, e mais a seu gosto, monitores dos pequenos. O mesmo ocorre com a lavagem das mãos. A mestra mostra-lhes como se maneja o sabão e como devem elles esfregar as mãos uma na outra.

Promptamente entra o menino em acção, e a mestra se limita a vigiar os movimentos e corrigir os defeituosos.

Este movimento exige mais paciência do que os não iniciados podem imaginar.

Uma mãe de família ou uma criada acham mais simples e, sobretudo, mais rapido lavar ellas proprias as mãos da creança; mas assim fazendo condemnam-n'a a uma larga dependencia.

*Trabalhos domesticos*—Os meninos se divertem loucamente executando toda classe de trabalho domestico. A principio a mestra proporciona algumas indicações limitando-se ás estritamente indispensaveis; sentar-se e levantar-se; tirar da mesa objectos frageis e tornar a collocal-os; por uns pratos sobre outros sem fazer ruido; por a toalha na meza e tiral-a; colher agua da fonte, transportal-a e deital-a noutro vaso sem derramal-a; "esfregar a vasilha", tirar o pó, etc.

Nas classes mais numerosas, se estabelece um turno para estes trabalhos; os meninos os executam alternativamente e mostram mais pontualismo em observar a ordem estabelecida. Por isso vi em Milão, meninos de tres annos pôrem a mesa para comer. Juntavam pequenas mesas, tiravam uma toalha do armario e a extendiam cuidadosamente; dispunham os guardanapos, os copos e os talheres nos logares a elles destinados; e adornavam a mesa com ramos de flôres rusticas.

A direcção me afirma que estes meninos raramente quebram as vasilhas ou os vasos. A maior parte dos pequenos almoçavam ao meio dia na escola e quando todos estavam sentados, as pequenitas levavam tijellas de sopa fervendo e a distribuiam entre suas camaradas. A directora parece observar todas estas tarefas domesticas do alto da sua grandeza. Os meninos olham o trabalho dos outros e procuram imital-

os; os maiores se interessam muito pelo progresso dos menores. Reunia nestas escolas uma tal atmosphaera de calma, de serenidade, de auxilio mutuo e de trabalho ordenado, que o menino se sente como transportado ao meio da familia.

*A jardinagem.* Os meninos gostam reconhecidamente de plantas e animaes. Assim, a senhora Montessori recommenda o cultivo das plantas e o cuidado das plantas e dos animaes domesticos, como chaves de uma grande virtude educadora: estas occupações despertam com effeito, o sentimento de responsabilidade da creança que comprehende bem depressa que a vida destes seres depende da assiduidade de seus cuidados. *Trabalho manual*—A modelagem e trabalho de argila, a fabricação de vasilhas, de vasos e tijolos, em uma palavra, os trabalhos de plastica são, segundo a senhora Montessori, os mais racionaes entre os trabalhos de Froebel. Os pequenos tijolos se modelam com fôrmas: as panelnas e os vasos ao torno. Importa não perder de vista o valor pratico destes objectos, que se tem bem cuidado de envernizar, e de preparar os elementos. Os meninos aprendem em seguida a construir taipas, a fazer pavimentos com pequenos masaicos. pouco do gral.—Frequentemente, a palavra gymnastica desperta a idéa de uma disciplina collectiva e de uma aerobacia perigosa. A gymnastica dos meninos é coisa muito diferente da dos adultos. Implica uma serie de exercicios tendentes a favorecer os movimentos physiologicos, taes como a marcha, a respiração e a linguagem, e a corrigir só o rithmo onde este reveste certo retardamente e irregularidade. Nos exercicios de marcha convem não perder de vista que o menino não é um homem em miniatura. Tem o troneo muito desenvolvido em comparação dos membros inferiores; e nas

extremidades de seus ossos largos ha sempre curvaturas cartilaginosas, porque a ossificação do esqueleto está ainda incompleta. As pernas curtas e debéis tem, pois que suportar o tronco de um corpo relativamente pesado.

Segue-se dahi que a marcha do menino é inteiramente differente da do adulto; fatiga-o muito, tanto como o estar de pé. Os ossos largos dos membros inferiores curvam-se facilmente sob o peso do tronco, sobre tudo, nas creanças insufficientemente alimentadas e nas que não estando atacadas de raquitismo, soffrem todavia retardamente da ossificação. Os meninos se comprazem em subir, em andar de quatro pés e rodar no chão, estirando o busto e os membros superiores e agitando as perninhas. O primeiro movimento se explica porque elles têm como os quadrúpedes, os membros inferiores muito curtos em relação ao tronco; o segundo provem de que as perninhas se fatigam logo e exigem ás vezes repouso e extensão. Frequentemente consideram os paes como um inconveniente esta mania de as creancas rolarem por terra e tratam de impedir-o a força de recriminações. Isto é evidentemente um erro: e as jovens mães não podem ignoral-o: deveriam favorecer mediante uma gymnastica apropriada o desenvolvimento dos filhos e satisfazer-lhes a necessidade que têm de mover-se. A senhora Montessori conta como encontrou o meio de obtel-o observando as creanças pequenas em brinquedos.

Uma professora tinha o habito de mandar os meninos passear no pateo, entre as paredes da casa e o jardim central rodeado de uma paliçada de arames dispostos transversalmente, parallellos e sustentados por pés rectos plantados em terra. No largo do caminho havia alguns degrãos nos quaes os meninos podiam sentar-se. Trans-

portou tambem dalli algumas cadeirinhas que encostavam á parede. Pouco a pouco as creanças de dois a tres annos eram naturalmente as primeiras que se fatigavam e se separavam dos outros; porem, em lugar de deitar-se por terra ou sentar-se iam á balaustrada e pegando com as mãos as arames superiores, seguiam a paliçada apoiando os pés nos arames mais proximos da terra. Isto constituia para elles uma grande diversão, porque riam ás bandeiras despregadas e olhavam triumpantemente seus camaradas maiores, que continuavam passeando.

Assim pois, sem sabel-o, estes pequenitos haviam resolvido um bello problema, porque executavam movimentos de translação geral do corpo e os movimentos dos membros inferiores sem suportar, não obstante, nas pernas o peso do busto".

A senhora Montessori applicou promptamente o meio nas suas Casas dos Meninos. Fez construir um aparelho composto na ordem principal das peças verticaes reunidas por tres barras cylindricas horizontaes, das quaes uma era fixada perto do solo. Com um maior numero de postes, reunidos por tres barras cylindricas horizontaes, obtem-se uma balaustrada que possa servir especialmente para cerrar o portico do lado do patéo em que jogam os menores.

Emquanto os grandes brincam ou trabalham, os pequenos assaltam a balaustrada e se divertem em olhar as maiores. Seguin, inventou na mesma ordem, um pequeno aparelho para reforçar nos meninos debéis, os membros inferiores e, sobre tudo, a articulação da rotola. Figure-se uma especie de cadeira de balanço cujo assento se alargue para adeante afim de que as pernas dos meninos possam estender-se, comodamente, deixando sem embargo, os pés de fóra. Uma taboa elastica collocada a al-

guma distancia serve de trampolim. Quando a cadeira de balanço é empurrada para adeante os pés tocam o trampolim e obrigam a recuar a cadeira. Como o tronco se apoia no encosto do assento, as articulações da rotula e o tornozello se movem cada vez que os pés se apoiam no trampolim. Assim as pernas se exercitam sem que tenham que suportar o peso do corpo. Nas casas dos Meninos, utilisam-se de outros aparelhos que dão ao corpo infantil a oportunidade de exercitar-se e permite ao mesmo tempo a organização de brinquedos muito divertidos. O *pendulo*. Os meninos se sentam em tamburetes sem encosto, ao redor de uma bola suspensa de um fio. Os meninos sacodem a bola mutuamente uns para os outros. Para alcançá-la inclinam em todos os sentidos os musculos e as articulações da columna vertebral e dos membros superiores, assim como os musculos do tronco, entram desse modo em acção, ao mesmo tempo que os olhos e as mãos se exercitam no calculo das distancias.

A *linha* — Um dos melhores exercicios é o da linha. A directora traça no pavimento com o giz uma larga e grande elyipse ou antes duas elyipses concentricas semelhantes. Os meninos têm que seguir a linha pondo os pés um atraz do outro. Sem proferir uma palavra, a directora mostra o movimento; dois ou tres meninos a imitam e, a semelhança dos bailarinos de corda bamba, estendem os braços para manter melhor o equilibrio. Dentre em pouco todos os outros correm a tomar parte do jogo e tratam de executar pontualmente o exercicio. Põem nelle toda a sua alma e empregam uma attenção e uma força de vontade taes que os faz em enrubecer de esforço e de prazer.

Immediatamente enche-se a elyipse de meninos. Entra então em acção a musica;

uma marcha singella, não demasiadamente rithmica, toca-se ao piano e vem a alegrar o trabalho. A *escada* — E' uma escada giratoria com degrãos de madeira, provida ao lado de uma balaustrada e aberta do outro. Serve para ensinar os meninos a subir e descer os degrãos, com movimento solto, tranquillo e gracioso, sem segurar-se com a mão. Os degrãos devem ser baixos e estreitos, porque os das escadas dos adultos são demasiados largos e altos para servir de material didactico ás creanças.

*As escadas e os trampolins*—Estes aparelhos são utilizados para os saltos de largura, em altura e profundidade. Os exercicios a que dão lugar são muito apreciados, porque os meninos gostam muito de saltar.

A *escada de corda* — O emprego deste aparelho deve propagar-se nas Casas dos Meninos, porque encontram applicação no exercicio dos mais variados movimentos; inclinar-se e levantar-se, inclinar-se para adeante e para traz; os meninos perdem o equilibrio quando querem executar estes movimentos sem apoiar-se na escada. Todos estes exercicios são da mais alta importancia; ensinam o menino a manter o equilibrio, isto é, a coordenar os movimentos musculares interessados, favorecem a boa dilatação pulmonar; fortificam a mão no mister mais essencial, a apreensão, que precede todos os demais movimentos por mais delicados. Segain havia ja utilizado, por outro lado, esta escada afim de desenvolver a força de apreensão e a destreza dos meninos idiotas.

*Gymnastica livre* — Entendemos por isto a gymnastica sem aparatos nem aparelhos especiaes. Subdivide-se em gymnastica de ordem e em jogos livres. Na primeira a *marcha* deve recommendar-se muito, especialmente, não tanto para a obten-

ção do ritmo recommendavel como para a correção da posição e dos movimentos. Já temos fallado della a proposito de descripção do exercicio da *linha*. Vi, por outro lado, os pequenos alumnos de Milão, executar danças populares e danças de character, com uma graça e uma leveza admiraveis. Demais da marcha podem executar-se diversos jogos froebelianos com acompanhamento do canto. Os alumnos se mostram muito afeiçoados a elles.

Para os jogos livres os alumnos dispõem de pelotas de borracha, de bolas, de cestas, de raquetas, de volantes, etc. Até as arvores do pateo podem servir para multiplos jogos de conjuncto.

*Gymnastica respiratoria.* — Esta gymnastica tem por fim guiar e rectificar especialmente os movimentos respiratorios, em uma palavra ensinar o menino a respirar convenientemente, o que favorece, ao mesmo tempo a pronuncia correcta. Eis um exemplo de exercicio :

*Bocca aberta...*

*Lingua extendida e immovel...*

*Inspirar profundamente...*

*Expirar lentamente...*

*Mãos nos quadris...*

*Levantar os hombros rapidamente extendendo o peito e baixando a diafragma..*

*Baixar lentamente os hombros volvendo a posição normal.*

A directora ordena tambem exercicios combinados de expiração e inspiração, com extensão dos braços, etc.

*Gymnastica labio dental lingual.* — Esta gymnastica serve para regular os movimentos dos labios e da lingua na pronuncia de certas consonancias fundamentaes, assim como para fortificar e dar flexibilidade aos musculos interessados.

Prepara os orgãos para uma pronuncia correcta. Pede-se aos meninos que pro-

nunciem juntamente em voz alta e forte, a primeira syllaba de uma palavra.

Depois convida-se cada menino a que faça o mesmo.

Os que pronunciam bem passam para a direita e os que pronunciam mal para a esquerda. A mestra anota a idade do menino e os defeitos de articulação; esforça-se por ajudal-o a produzir os movimentos necessarios á articulação correcta da syllaba; para isso toca os musculos que devem funcionar na pronuncia, comprime a articulação dos labios ou colloca a lingua da creança contra a arcada dentaria ou mostra ella propria como se devem effectuar na dita pronuncia os movimentos correctos da bocca e dos labios.

## EDUCAÇÃO SENSORIAL

No capitulo V ennumeramos o material didactico que a senhora Montessori compoz para o exercicio dos orgãos dos sentidos.

1) — *Perceber as differentes dimensões.* Os primeiros meios materiaes que se põem entre as mãos dos meninos de tres annos, são os tres jogos de cylindro a encaixar. Apresenta-lhes tres blocos em forma de parallelepipedos.

Em cada um destes blocos se perfuram dez buracos cylindros em que podem deslizar suavemente, outros tantos cylindros apropriados. Cada cylindro possui um botão afim de poder ser manejado facilmente. No primeiro bloco dez cylindros têm a mesma altura, porém com differente secção, (duas dimensões) e os diametros dos cylindros sucessivos diminue gradualmente. No segundo as tres dimensões dos cylindros se reduzem proporcionalmente, de modo que os cylindros permaneam "semelhantes", como se diz em geometria. No terceiro, enfim, a secção permanece fixa, porém diminue a altura, o ultimo cy-

lindro tem a forma de um disco plano. Então começa o exercício. O menino está sentado deante de uma mezinha e brinca com um destes blocos. Trata-se, primeiramente, de tirar os cylindros dos buracos, mistural-os sem ruido e depois os colloca nas cavidades respectivas.

Um dos fins a que é destinado o jogo consiste em exercitar os dedos a apreensão e dar flexibilidade ás mãos e aos braços. A mestra tira uns após outros os cylindros das cavidades e os mistura docemente, depois ensinua os alumnos a que tornem a collocal-os nos lugares. Deve ter cuidado em não começar ella propria a operação; não é, por outra parte, necessario que os meninos hajam visto executar os trabalhos a seus collegas; preferem por outro lado operar sós, repudiam qualquer auxilio estranho. E' curioso observar o menino preocupado com a sua tarefa. Apodera-se de um cylindro e procura introduzil-o no primeiro buraco; porém ocorre que este lugar é muito estreito; então experimenta outro e mais outro. Tambem pode acontecer que o cylindro cahia num lugar demasiado grande e não seja este o seu lugar. Depois de innumeros esforços deixam collocados todos os cylindros menos um. Vê-se que perguntam a si mesmos qual será a solução do inigma. Suas faces ficam rubras com o esforço. Eis porém que um raio de luz illumina-lhe o cerebro; pega um por um os botões; sacode os cylindros e descobre assim que uns estão fixos em seus lugares, enquanto outros não estão no devido lugar. Tira estes ultimos das cellas muda-os até que tudo fique em ordem.

Então de contentes canta alto como um gallinho que acaba de obter a victoria.

O exercício aguçou-lhe a intelligencia; o prazer que causa o successo estimula-o a tornar a recommear e procura chegar de

uma vez a um bom resultado; a experiencia já adquirida constitue um precioso apoio; e vêem-se os meninos pequenos recommear trinta e quarenta vezes o mesmo exercício sem fatigar-se.

O segundo e o terceiro bloco permitem operar da mesma maneira. A novidade que cada um apresenta estimula o interesse. O principio do jogo foi encontrado por Itard e applicado por Seguin á educação dos idiotas.

Além do exercício da mão, assegura o exercício da vista e, especialmente, a percepção das differenças de dimensões. Ao cabo de pouco tempo, o menino, vê immediatamente o lugar correspondente ao cylindro dado. A característica do brinquedo é que indica pôr-se, os erros cometicos e que o menino encontra.

O menino vê o fim e sente o desejo de alcançal-o. A elle o conduz não a mestra, sinão a acção de sua propria intelligencia. Assim começa a (auto-educação) como diz a sabia italiana. O exercício não foi certamente, concebido para ensinar os meninos a collocar cylindros nos lugares *ad-hoc*, sinão para ensinar-lhe a comparar objectos, a julgar, a raciocinar e a concluir. A repetição destes exercicios aguça a intelligencia e nelle consiste sua utilidade.

Depois dos cylindros a encaixar é a vez das tres series de corpos geometricos.

a) *Os cubos* — Eis dois cubos cor de rosa, cujas arestas medem respectivamente, dez a um centimetro. Os meninos põem em terra num tapete o maior destes cubos; collocam em cima a segunda em dimensão, e assim successivamente: lentamente se levanta uma torre. Se o menino se engana produz-se um equilibrio instavel e a torre cae.

Depois de muitas experiencias defeituosas, a torre permanece de pé e então re-

benta o entusiasmo. O pequeno desmancha sua obra prima a fim de poder gozar o prazer de tornar a fazel-a. A construção é destruída e renasce dez ou vinte vezes sucessivas, e, em lugar de extinguir-se, o prazer se duplica á medida que o menino sente augmentar sua habilidade.

b) Os *prismas* de secção quadrada são pintados de escuro; medem vinte centímetros de altura e são dez. O primeiro tem uma aresta de base de dez centímetros, o segundo de nove o terceiro de oito, e assim successivamente, diminuindo cada vez um centimetro, até o ultimo, cuja secção é um quadrado de um centimetro de lado. A arte consiste em collocar estes prismas um ao lado do outro numa ordem successiva para simular uma escala. Umaz vezes o menino começa pela maior e outras pelo menor e se exercita assim sem perceber as differenças de dimensões.

c) Um jogo de dez *tabletas verdes* nas quaes estão indicadas as divisões em decímetros por cintas alternativamente azues e rôxas.

Sua secção é um quadrado de tres centímetros de lado.

Sua longitude diminue gradualmente de diametro, desde dez até um. O alumno mistura taboazinhas de uma serie e deve

collocal-as depois em terra, num tapete ao lado um em cima da outra, na ordem desejada para que se forme uma escada estendida ou de pé, e da qual cada degráo, mede um decimetro. A mestra opera como com os cylindros a encaixar e ensina os meninos como tem de servir-se deste novo material. Geralmente os meninos conhecem o jogo porque já viram seus pequenos condiscipulos utilisarem-se delle. Ella observa as operações e só intervem para o impedir o uso desordenado dos objectos. E', contudo, pouco grave que o menino se equivoque de vez em quando; pelo exercicio, aprende a corrigir seus proprios erros; e, quando este jogo é bastante conhecido, se apprehende novos exercicios.

Os eucos, os prismas e as taboas ensinam a manejar objectos o que é difficil pegar com mãos pequenas. Ao mesmo tempo exercitam a vista na percepção das differentes dimensões. Este exercicio parece ser muito mais facil que os cylindros a encaixar. Na realidade é mais difficil porque o material não revela as faltas. A vista se encarrega desta missão, e para que as differenças "saltem aos olhos" emprega-se material maior e faz-se preceder este trabalho de exercicios preparatorios, taes como os dos cylindros.

A instrucção mathematica se reduz, na Escola Primaria, á pratica de calculo, sob a forma de Aritmetica elementar, e ao conhecimento concreto das formas geometricas, para as applicações correntes do systema de pesos e medidas. Isto, que se considera essencial, ensina-se desde os primeiros dias do curso.—*M. Bomfim.*

A Escola Normal deve ser rigorosamente uma escola profissional. As disciplinas necessarias á instrucção geral do alumno deve possuil-as ao entrar na Escola.

Essas diciplinas servem apenas de themas de educação profissional.

O que o alumno-mestre vae aprender na Escola Normal é o methodo de ensinar essas disciplinas

# O CÃO

- Quantas pernas tem o cão ?
- Quatro pernas.
- Como se chamam os animaes que têm quatro pernas ?
- O cão, porque tem 4 pernas, que animal é ?
- O cão, por ter quatro pernas, é um quadrupede.
- Como se alimenta o cão logo que nasce ?
- O cão mamma.
- Como se chamam os animaes que mamman em pequenos ?
- Mammiferos.
- O cão é, portanto, um...
- Mammifero.
- Para que serve o cão ?
- Para guardar a casa, para caçar, pára guardar os rebanhos, para salvar pessoas cahidas na neve, para salvar quem cae na agua, etc.
- Como se chama o cão que faz guarda ?
- Cão de guarda.
- E o que caça perdizes ?
- Perdigueiro.
- E o que caça veados ?
- Galgo ou veadeiro.
- O que corre pacas ?
- Paqueiro.
- O que guarda os rebanhos ?
- Cão de pastor.
- O que salva pessoas cahidas na neve ?
- Cão de S. Bernardo.
- O que salva gente cahida na agua ?
- Cão de Terra Nova.
- O que caça ratos ?
- Rateiro.
- De que raça é o cão rateiro ?
- O rateiro é Fox-Terrier.
- O que auxilia a policia, como se chama ?
- Cão policial.

— E os cãesinhos de luxo, que enfeitam as casas ricas, como se chamam ?

— Lulús.

— Lulús sómente ?

— Lulús da Pomerania.

### PARA EXERCICIO ESCRIPTO

## O CÃO

1 — E' vertebrado ? Por que ?

2 — E' mammifero ? Por que ?

3 — E' quadrupede ? Por que ?

4 — E' domestico ? Por que ?

5 — Para que serve o cão ?

6 — Que nomes damos aos cães pelos serviços que elles nos prestam ?

# Jogos escolares

Trad. do francez por Helena Barros—professora da Escola Normal

## A BOLA EM ZIGUI-ZAGUE

**ORGANISAÇÃO** — Diversas *equipes* iguaes. Cada *equipe* se colloca em duas filas, face a face, com uma distancia de 1m, 50 entre os jogadores. Cada fila é enumerada por 2. O primeiro jogador duma fila parte do n. 1 e o primeiro da outra, parte do n. 2.

**REGRA** — Dado o signal, o primeiro jogador n. 1 joga a bola ao seu companheiro n. 1 que lhe está *vis-à-vis* na outra linha, o qual joga novamente a bola ao seu companheiro n. 1, *vis-à-vis*, e assim por diante: a bola percorre, pois, em zig-zag todos os numeros 1 até que chegue ao ultimo jogador n. 1. Este de posse da bola a joga ao n. 2 que está directamente em sua frente. A bola volta novamente em zigue-zague do numero 2 ao numero 2.

A equipe que acabar primeiro esta viagem de ida e volta é a vencedora. Para facilitar este jogo os jogadores n. 1 podem se distinguir dos numeros 2 por um lenço amarrado num dos braços.

## A BOLA VENCEDORA

**ORGANIZAÇÃO** — O campo do jogo não é limitado. Entre os dois campos que occupam os lados oppostos do campo, deixa-se um campo neutro de uma largura que varia segundo a força dos jogadores (media 12 a 15 passos). Os jogadores são divididos em duas *equipes* iguaes que occupam os campos além das linhas do campo neutro.

**FIM DO JOGO** — O fim do jogo é apoderarem-se os jogadores do campo adverso. Quando todos os jogadores de um cam-

po passarem para o campo inimigo, este está conquistado. Para passar para o campo adverso e ahí jogar como espião, é preciso ter recebido correctamente a bola, tres vezes.

*Regra* — Depois de haver posta em jogo a bola entre dois jogadores adversos, ella é jogada de um campo a outro, num vae-vem continuo. A bola não pode ser jogada e agarrada sinão no lugar reservado dos campos, isto é, além da linha que limita o campo neutro. Todo jogador que recebe a bola no campo neutro, ahí fica prisioneiro, sem poder jogar durante 5 saques seguidos. Todo jogador que agarra a bola deve devovel-a e não passal-a a outro parceiro mais agil. Para agarrar correctamente a bola é preciso segural-a no ar e não depois do baque. O jogador que agarra assim a bola conta um ponto. Depois de haver contado tres pontos, passa para o campo adverso como espião. Depois então, não marcará mais pontos, porem se esforará no sentido de pegar a bola, afim de auxiliar melhor aos seus parceiros para que elles se tornem tambem espiões. Os adversarios farão o possivel para impedir que elle agarre a bola, procurando por meio de habeis manobras, sem tocal-os, collocar-se na sua frente. A *equipe* vencedora é aquella que consegue passar todos seus jogadores para o campo adverso, contando assim 5 pontos. Um jogo pode ser feito de 3, 4, ou 5 partes, segundo o numero de jogadores.

Faltas. Ha faltas: 1.º — Si a bola for jogada muito baixa, ella deve chegar no campo adverso com pelo menos um metro acima do solo ;

2.º — Si a bola for jogada do campo neutro ;

Nestas duas faltas, a bola deve ser jogada novamente, e o jogador não pôde ser

empurrado nem a bola lhe pode ser tomada das mãos.

E', entretanto, permittido pegar a bola nos ares depois de arremessada.

## JOGO DA BOLA MORTA

ORGANISAÇÃO — O campo do jogo é limitado por um rectangulo de 8 a 10 metros de comprimento e 4 a 5 de largura. Estas dimensões, nunca arbitrarías, podem variar segundo o numero e a força dos jogadores. Para jogadores mais fortes, o campo pode medir 16 metros por 8. Do mesmo modo quando não se dispõe de um vasto campo, pode-se restringir as dimensões, e o jogo perderá muito, não só no ponto de vista de interesse, como tambem do ponto de vista esportivo, mas divertirá bastante, quando os jogadores forem jovens. O rectangulo é dividido por uma rêde de tennis ou uma corda estendida a dois metros mais ou menos acima do solo, sendo que esta altura poderá variar conforme a idade dos jogadores. Estes, divididos em duas *equipes* iguaes, se collocam, de cada lado da rêde ou da corda. Si o campo é vasto, cada *equipe* se divide em tres grupos: 1.º — O grupo da vanguarda, composto de jogadores menos ageis que se collocam logo depois da rêde; 2.º — O grupo do centro que se collea atraz do primeiro, isto é, no centro; 3.º — O grupo da rearguarda, collocado perto da linha do fundo e formado pelos jogadores mais ageis; segundo as necessidades porem, elles se podem deslocar em todos os sentidos. *Regra*. Depois de posta em jogo, a bola é levada num vae-vem continuo de um campo a outro até que caia em terra, e então se diz que a bola é morta, e o campo que a jogou conta um ponto.

A partida consta de 21 pontos.

*Faltas* — Ha faltas: 1.º — Quando um campo detem a bola mais de 10 segundos;

2.º — Quando a bola é rebatida com as mãos em vez de ser agarrada ;

3.º — Quando se dá mais de um passo para devolver a bola ;

4.º — Quando a bola cahir no campo do jogador que a jogou ;

5.º — Quando ella cae fora dos limites, de lado ou de fundo, antes de ser tocada por um jogador adverso. Por qualquer falta, o adversario terá direito a um ponto. Para a falta do numero 4, se a bola cae fora dos limites antes de ser tocada, o ponto é attribuido ao campo onde ella cahiu porque a falta é do campo que a jogou; mais se a bola for tocada antes de cahir a falta é attribuida ao jogador que a tocou, e o campo adverso tem a vantagem de marcar um ponto.

Pode-se jogar a bola entre parceiros antes de jogar-a ao campo inimigo. Este jogo é tanto mais interessante quanto é feito com rapidez.

## O CROQUET BOLA SIMPLES

ORGANISAÇÃO — Os alumnos se collocam em um circulo com as pernas afastadas e os pés tocando uns nos outros. Fica um jogador no meio com a bola na mão, e procura passal-a por entre as pernas dos jogadores do circulo.

Estes por sua vez impedem a passagem da bola, unindo com rapidez as pernas. O jogador que deixa passar a bola troca de lugar com o do meio.

Aquelle que junta as pernas antes, de a bola lhe chegar ás pernas, o que succede com uma negaça do sacador, deve como castigo, fazer um giro em torno do circulo com um pé.

*VARIANTE* — Em lugar de unir as pernas pode-se rebater a bola com as mãos

fazendo uma flexão para diante. Como no caso acima, si o jogador faz a flexão antes de ser jogada a bola, tem que fazer o giro em torno do circulo com um só pé.

## O CROQUET BOLA AOS CAMPOS

ORGANISAÇÃO — Dividem-se os jogadores em duas *equipes* iguaes. O campo do jogo é limitado nas extremidades por duas linhas de fundo sobre as quaes se collocam os jogadores em uma fila, com as pernas afastadas e os pés tocando-se. Dois jogadores sacadores se põem no meio do campo.

*Regra* — As mesmas regras do jogo BOLA BARRADA salvo as seguintes :

1.º — O fim do jogo, para os sacadores, é procurar fazer passar a bola entre as pernas dos jogadores da linha adversa, e para estes ultimos impedirem a passagem da bola, unindo com rapidez as pernas. Pode-se tambem admittir que a passagem seja evitada com as mãos, fazendo os jogadores uma flexão do tronco para frente sem deslocar as pernas ;

2.º — Quando a bola passa a linha de fundo por entre as pernas de um jogador, a *equipe* a que pertence o sacador conta um ponto, mas este ponto não é contado se a bola passa de outra forma qualquer.

3.º — Os sacadores não têm lugar reservado para jogar a bola.

## LES JARGOTONS

ORGANISAÇÃO — Os alumnos divididos em dois grupos, formam duas filas. A frente de cada fila, põe-se um jogador munido de uma bola.

Ao signal dado cada sacador envia a bola ao primeiro jogador de sua fila, que

a devolve immediatamente e se acocora.

A bola é então jogada ao 2.<sup>o</sup> jogador que faz o mesmo, e assim por diante, até o ultimo jogador que, depois de a haver recebido, a eleva um pouco e o seu grupo é assim o vencedor.

Se a bola cair deve ser entregue ao jogador inhabil, para que elle a jogue novamente o que retardará um pouco o seu jogo.

## FORA DE CAMPO

ORGANISAÇÃO — Divide-se um grande quadrado em dois rectangulos iguaes.

Os jogadores formam duas *equipes* iguaes A e B, por exemplo, que occupam estes rectangulos. E' designado um jogador de cada *equipe* para se pôr fóra de campo, ao lado ou detraz do campo adverso. Tira-se a sorte para se designar o jogador fóra de campo que deve começar o jogo.

Suponhamos que A, fóra de campo, começa o jogo. Elle joga a bola contra um jogador de B que se esquiva de ser tocado por ella, enquanto um de seus parceiros della se apodera desde que ella haja tocado o chão.

Aquelle que possui a bola pôde então jogar-a contra um de seus companheiros do campo A e assim por diante.

Todo jogador fora de campo não pôde ser tocado, mas seus parceiros podem lançar-lhe a bola por cima das cabeças dos adversarios, e estes procuram rebatê-la, e é então neste caso que a bola pode ser pegada no ar. Em todos os outros casos o alumno só pôde pegar a bola depois de haver ella dado o primeiro baque no chão.

Todo o jogador tocado junta-se ao primeiro jogador fóra de campo na sua mesma *equipe* e trata de auxiliar o seu companheiro.

A *equipe* que primeiro põe o jogadores adversos fóra de campo, é a vencedora.

## JOGO DA BOLA LIVRE

ORGANIZAÇÃO — A mesma do jogo BOLA MORTA.

*Regra* — Depois de posta a bola em jogo, é atirada de um campo a outro, e cada *equipe* procura atravessar a linha de fim do campo adverso.

Cada *goal* assim alcançado se conta com 2 pontos para o campo sacador, e cada vez que a bola cae no campo-inimigo o campo sacador conta um ponto.

O campo vencedor será aquelle que tiver maior numero de pontos no fim do jogo que pôde durar dez, quinze ou vinte minutos, segundo a força dos jogadores. A partida tambem pode ser jogada em dois meios tempos de dez minutos no espago dos quaes as *equipes* trocam de lugar ou ainda fixam um determinado numero de pontos a alcançar.

*Faltas* — Ha falta: 1.<sup>o</sup> — Quando se dá mais de um passo para entregar a bola ;

2.<sup>o</sup> — Quando a bola cae fóra dos limites de lado antes de haver sido tocada. Qualquer falta faz perder a bola que passa ás mãos do adversario, e este tem o direito de fazer um *goal* sem que os jogadores adversos possam interromper a passagem da bola.

## CAPTAIN-BALL

(Primeira forma em triangulo, com 14 jogadores)

ORGANISAÇÃO — De cada lado do campo á distancia de pouco mais ou menos 4 a 5 metros, são traçados tres circulos com cerca de 1 metro de diametro, formando um triangulo. Estas são as bases: Os jogadores são divididos em duas *equipes* de sete parceiros. Cada *equipe* tem tres jogadores para occupar as bases, tres guardas e um jogador-centro. Um dos jo-

gadores das bases é capitão e se põe no circulo da ponta do triangulo.

Os outros dois occupam as duas bases do fim do triangulo.

Os guardas se collocam diante das tres bases adversas, e os jogadores centros no meio do campo. Estes ultimos podem percorrer todo o campo. Os jogadores das bases não podem por mais de um pé fóra de seu circulo. Os guardas não devem se afastar das bases por serem vigilantes, nem podem ahí penetrar sinão com um pé.

A bola é posta em jogo entre os dois jogadores — centros.

*Regra* — O fim do jogo é, para os jogadores-bases, procurar pôr a bola na posse do capitão de sua *equipe*; para os jogadores-centros, manobrar, de maneira que, possa jogar a bola aos seus parceiros, jogadores bases; para os guardas, impedir que a bola chegue aos jogadores bases inimigos, e procurem jogar-a aos seus jogadores-bases parceiros ou centro. Si a bola for enviada ao capitão por um guarda ou um jogador-centro, não se conta o ponto. Para fazer-se um ponto é preciso que a bola seja enviada ao capitão, por um jogador-base.

Depois de feito um ponto, a bola deve ser repostada em jogo entre os dois jogadores-centros. A partida se joga em dois meios tempos de dez ou quinze minutos no intervallo dos quaes, guardas e bases trocam de lugar.

Faltas — São consideradas faltas: 1.º — Põem os jogadores bases de dois pés fóra de seu circulo. 2.º — Afastar-se um guarda da base da qual elle é vigilante, ou pôr os dois pés na base; 3.º — Não segurar a bola, mas rebatel-a com a palma da mão; 4.º — Empurrar o adversario quando este se apodera da bola; 5.º — Tocar a bola quando ella está nas mãos de outro segura;

6.º — Dar mais de um passo para entregar a bola.

Para a punição de cada falta a bola é dada ao jogador-base adverso que tem o direito de jogar-a ao seu capitão, não podendo, porém, ser interrompido pelo guarda adversario.

## A BOLA AO CAMPO

ORGANISAÇÃO — Os jogadores em numero de 10 a 12, se dividem em 2 campos bastante afastados e no começo do jogo retornam aos seus campos de jogo.

*Regra* — Um jogador do campo designado joga a bola em direcção ao campo adverso. Um jogador deste ultimo campo rebate a bola, de preferencia no lugar onde ella foi interrompida, a reenvia em direcção do primeiro campo.

O fim do jogo é tocar com a bola a linha de limite do campo opposto; e para ahí chegar é preciso ganhar o campo a cada lance.

Pode-se rebater a bola antes que ella tenha tocado em terra, mas sem seguralla e latendo somente com a palma da mão.

Quando a bola tocar em terra, pode-se rebatel-a com o pé ou com a mão, de ganhar o campo.

*Observação* — A bola não deve ser entregue a outro jogador mais de dois passos.

## O EVITA LOBO

ORGANISAÇÃO — Os jogadores são divididos em duas *equipes* de sete jogadores. Traça-se no solo um circulo de 8 a 10 metros de diametro.

Uma *equipe* occupa o centro formando uma columna. Cada jogador colloca as mãos nos hombros do companheiro da vanguarda. O primeiro jogador é chamado

pastor, os outros são *carneiros* e o ultimo é *cordeiro*.

A outra *equipe* que representa o lobo, se põe em torno do circulo, procurando tocar com a bola ás pernas dos jogadores do centro, os quaes procuram defender-se saltando ou correndo. O jogador do centro que for tocado, troca de lugar com aquelle que jogou a bola. Quando o jogador do centro, isto é, o cordeiro for tocado não se conta o ponto.

O pastor deve observar os movimentos da bola e proteger o ultimo jogador para evitar o deslocamento da columna.

A partida é composta de dois meios tempos de cinco ou dez minutos. Depois do primeiro tempo as *equipes* trocam de lugar e aquella que no fim contar maior numero de pontos é a vencedora.

## JOGO DA BOLA VOLANTE

ORGANISAÇÃO — A mesma do jogo BOLA MORTA.

*Regra* — Depois de posta a bola em jogo, ella é atirada de um campo a outro sem ser agarrada. Deve ser rebatida com a mão aberta á maneira de *raquette*. Cada vez que a bola cae, o campo que a jogou conta um ponto.

*Faltas* — Ha faltas : 1.º — Si a bola é segurada em lugar de ser rebatida com a palma da mão; 2.º — Si a bola cae fora dos limites do campo antes de haver sido tocada.

Qualquer falta dá um ponto ao jogador faltoso. A partida é jogada em 21 pontos. Este jogo, na sua forma simples, é uma preparação para o Volley-Ball.

---

# Poesia Indigena

---

A propósito do assumpto escreveu o sr. Afranio Peixoto (*Primeiras Letras*) pag. 237 e seguintes):

Tem-se escripto bibliothecas sobre o "humour", especialmente britanico, segundo uns criticos sem profundeza psychologica, que suppõem necessario o nascer na Gran. Bretanha ou ser da raça anglo-saxonia para se ter essa mistura de espirito e sensibilidade, esse leviano sorrir de coisas sérias, que é o humorismo. Faguet demonstrou que o phenomeno é universal e apenas os idiotismos nacionaes reclamam privilegios ethnicos para o "sal attico", a "ironia franceza", a "gracia espanhola", a "saudade portugueza", o "Genut tedesco", o "homour anglo-saxoni-

co", tudo isto é commum a todos, sentimentos e idéas humanas apenas com as cambiantes que as condições ambientes ajuntam ou modificam.

Ha humorismo por toda á parte, e o nosso existe, até nos mais broncos e mais humildes. Recolhendo de outra feita um punhado de trovas populares num livro, como "chiste e graça", (5) algumas de perfeito humorismo. Não se dirá que falte a esta, que devia offender as mulheres numa de suas graças. Gandavo disse dellas, as mulheres indigenas : "prezam-se muito de seus cabellos trazem-nos mui cumpridos, limpos e penteados e as mais bellas ennastrados *Prov. Santa Cruz CX,*

47". Pois bem, um trovador rude os desdenhou, sorrindo :

Não quero mulher que tenha  
Cabello muito comprido  
Que em matto de tiririca  
Achar-me-ia perdido.

Outro tem humorismo, á ingleza, a Swift, bem macabro, quando diz :  
Quando me vires sem vida  
Atira-me á selva escura  
Que o tatú hade apressar-se  
Em me dar a sepultura.

O tatú é necropago e se banqueteia com esses despojos mortaes, a criação de irlandezinhos para o agougue, de feroz humorista anglo-saxonico, não é mais tragica e ridicula que essa sepultura sonhada por um bronco Guaicurú.

Mas o caracter essencial de nossa poesia, a tristeza, propriamente a tristeza da saudade, essa já se encontra na dos nossos aborigenes, em seus traços inconfundiveis.

Esta invocação a Lua Nova, cuja escuridão é mensageira e confidente dos desejos, vale por um poema :

Lua nova, os meus desejos  
Na vossa presença estão  
Levai-os ao meu amigo  
La no fundo do sertão.  
E lembranças, e saudades,  
Minhas apenas, serão...  
Fazei com que eu sómente  
Occupe o seu coração !

Esta é a saudade do que partiu, esta outra é o aperto de coração do que vai partir :

Eu vou deixar-te, Andorinha...  
Bem quisera te levar...  
Se eu não morrer, algum dia,  
Andorinha, serás minha,  
Hei de vir a te buscar,  
Se Deus quiser, Andorinha !

Menendez Pelayo escreveu uma sabia asseveração quando disse que o caracter da verdadeira poesia era de, ainda traduzida em prosa vulgar de outra lingua, continuar emotiva. De facto, perdido o encanto de ritmo, da rima, das palavras aladas originaes, talvez a novidade da imagem, numa transposição para estrangeiros, só resiste a grande poesia: dizia isso de Henrique Heine, cujas traducções — "luar empalhado", para Theophilo Gautier — em qualquer lingua são, por força, sempre luar, tanto têm poesia. Vêde se este encanto não mereceria ser um numero de "Intermezzo" :

Ruda, Rudá  
Juava pinaié  
Amãna reaiçu...  
Juaka pinaié,  
Aiuté Cunhã  
Puxiuera Oikó  
Ne manuara ce rece  
Quaha caarúca pupé.

Conto de Magalhães (6) explica: "A jovem india que se sentia opprimida de saudades pela ausencia do amante naquellas perigrações continuas em que a caça e a guerra traziam os guerreiros, a jovem india dizemos, devia dirigir-se a Rudá (divindade do amor) ao morrer do sol ou nascer da lua, e estendendo o braço na direcção em que suppunha que o amante devia estar, cantava :

"Oh Rudá, que estaes no céu, e que anais as chuvas... Rudá que estaes no céu... faei que elle, o meu amigo, por mais mulheres que tenha as ache todas feias; faei que elle se lembre de mim esta tarde quando o sol se esconder no poente..

(5) Afranio Peixoto — *Trovas populares brasileiras*, Rio, 1919, p. 43.

(6) O *Selvagem* — Rio, 1878, p. 140-2.

# O PALITO

DR. RENATO KEHL.

Ha muita gente que ignora ser grosseiro e anti-hygienico o habito de sahir da mesa palitando os dentes, de conservar o palito na boca ou de mascá-lo. A rigor, os codigos de civilidade e de hygiene condemnam, sem restricções, o emprego desse instrumento esgravatador banido do uso corrente pelas pessoas educadas e cautelosas.

Os palitos são geralmente preparados a mão, por gente (quem sabe ?) descuidada e doente, talvez por tuberculosos a espargirem sobre elles perdigotos carregados de microbios. Enfeixados e encaixados, são vendidos, quasi sempre, sem prévia desinfeccção.

Embora após esse cuidado, ainda assim, não deixariam de ser perigosos. Collocados no paliteiro, expostos á poeira e ás moscas, ou sujeitos á contaminação por dedos sujos, não é innocentemente que se os leva á boca. Mesmo livres de toda a sórte de contaminação, determinam muitas vezes orosões nas gengivas, abrindo porta de entrada para toda sorte de germes pathogenicos, resultando dahi inflamações ou abcessos.

O palito, conforme tem sido averiguado, é o agente indirecto de outros males, dentre elles da actinomycese, causada por um cogumelo encontrado frequentemente entre as gramineas. Mesmo os animaes são, algumas vezes, victimados por ellas em consequencia de ferimentos da mucosa da boca, ao triturarem esses vegetaes.

De sorte que a prudencia manda evitar o palito e recommen-da nunca levar á boca qualquer especie de fragmento, quer seja para palitar os dentes ou para mascar.

O melhor processo de destacar residuos alimentares presos aos dentes, medida essa a fazer discretamente, é por meio de um fio esterilizado, que se passa entre elles. A linha de sêda e de costura tambem pôde ser empregada, desde que seja submettida a prévia desinfeccção. São igualmente uteis os fios de seda, proprios para suturas cirurgicas.

Nas casas de artigos dentarios encontram-se fios especiaes, que os americanos adoptam, commummente, para o fim em questão.

(Da "Biblia da Saude").

# Gymnastica a braços livres

Series organisadas pela professora Helena Barros, da Escola Normal de Macció.

## I

1.º EXERCICIO—1—Braços aos lados — 2 — mãos ao peito — 3 — braços para a frente — 4 — mãos ao peito — 5 braços aos lados — 6 — ao peito — 7 braços para cima com as mãos voltadas uma para a outra — 8 braços para baixo.

2.º EXERCICIO — 1 — Afastar 1/2 passo a perna direita da esquerda, distendendo os braços lateralmente, ticando as mãos com as palmas voltadas para baixo. — 2—Flexionar o tronco para a frente, collocando as extremidades dos dedos da mão direita no pé esquerdo, levando o braço esquerdo ao alto—3.º—Retomar a posição n. 1 — 4 — fazer a flexão do tronco para a frente, collocando as extremidades dos dedos da mão esquerda no pé direito, ficando o braço direito para o alto. 5 — a posição n.º 3 — 6 — Sentido.

3.º EXERCICIO — 1 mãos á cinta e pés em esquadria. 2 — equilibrar o corpo nas pontas dos pés dobrando as pernas. 3 — Conservar a posição do numero precedente, estendendo a perna direita para frente. 4 — retomar a posição n.º 2. 5 — Estender a perna esquerda para a frente. — 6 — Sentido.

4.º EXERCICIO — 1 — elevar vagarosamente a perna direita para a frente, com o pé estendido,

inclinando o corpo para traz, dobrando um pouco a perna direita e levar as mãos á cinta. 2 — Sentido — 3 — fazer a posição indicada no n.º 1 — com a perna esquerda. 4 — Sentido.

5.º EXERCICIO — 1 Elevar vagarosamente a perna direita para traz, com o pé estendido, inclinando o corpo para a frente, flexionando um pouco a perna direita e levar ao mesuo tempo as mãos á cinta. 2 — sentido. 3 — fazer a posição n. 1 — com a perna esquerda. 4— Sentido.

6.º EXERCICIO — 1 — Elevar a perna direita para o lado, com o pé estendido inclinando o corpo para a esquerda, flexionando levemente a perna esquerda. 2 Sentido. 3 — Elevar a perna esquerda para o lado, com o pé estendido, inclinando o corpo para direita, flexionando levemente a perna direita. 4 Sentido.

7.º EXERCICIO — 1 — Fazer flexão do braço esquerdo, encostando a mão esquerda sobre o braço direito acima do cotovello, segurar com a mão direita o esquerdo e ao mesmo tempo avançar a perna direita para a frente. 2 — Flexionar o tronco para traz, olhando ao alto. 3 — Unir a perna direita á esquerda, conservando os braços na mesma posição. 4 — Sentido.

8.º EXERCÍCIO — 1 — Dar um pequeno salto, distendendo para a frente, a perna direita e ao mesmo tempo bater uma palma—2—braços aos lados e junção das pernas. — 3 — O movimento n. 1 — sendo com a perna esquerda — 4 — Sentido.

9.º EXERCÍCIO—1 Braços aos lados — 2 — Braços para cima com as mãos voltando uma para a outra — 3 — flexão do tronco para o lado direito — 4 — braços para cima — 5 flexão do tronco para o lado esquerdo — 6 — braços para cima — 7 — Sentido.

10.º EXERCÍCIO — 1 — Flexionar a perna direita para traz, com o auxilio da mão sobre a ponta do pé, collocando a mão esquerda á nuca — 2 — perna e braços descidos — 3 — O movimento do n.º 1 para o lado esquerdo — 4 — Sentido.

## II

1.º — EXERCÍCIO — 1 — Braços aos lados — 2 — estender a perna direita para frente de modo que ella faça com o tronco um angulo recto, collocando a mão direita sobre o joelho desta mesma perna e a mão esquerda á nuca — 3 — retomar a posição do n.º 1 — 4 — retomar a posição do n.º 2. — 5, 6, 7 e 8 faz-se este mesmo exercicio para o lado esquerdo.

2.º EXERCÍCIO — 1 — Extensão dos braços e da perna direita para frente — 2 — Extensão dos mesmos para traz — 3 — retomar a posição do n. 1 — 4 — retomar a posição do n.º 2. — Este exercicio é feito em 8 tempos.

3.º EXERCÍCIO — 1 — braços aos lados, avançando a perna direita para frente. 2 — Girar o corpo para direita, collocando a mão á nuca. 3 — Flexionar o tronco para frente. — 4 Sentido. — 5 Retomar a posição do n. 1 — nesta mesmo posição — 6 — Girar o corpo para a esquerda collocando a mão á nuca. — 7 — Flexionar o tronco para a frente. — 8 — Sentido.

4.º EXERCÍCIO — 1— Braços aos lados — 2 — rodar o tronco e os braços para o lado direito — 3 — flexionar o tronco para a frente com a mão á nuca — 4 — Sentido. 5, 6, 7 e 8 este mesmo exercicio para o lado esquerdo.

5.º EXERCÍCIO — 1 — Braços para cima — 2 — mãos á nuca einta. — 3 — circundação da perna direita para o lado direito. — 4 — mãos para baixo — 5 — retomar a posição do n. 1 e 6-a do n. 2. 7 — circundação da perna esquerda para o lado esquerdo — 8 — mãos para baixo.

6.º EXERCÍCIO — 1 — Braços para cima, avançando a perna direita para frente — 2 — Braços para traz e perna direita para traz — 3 — Braços ao lado e perna direita estendida para o lado direito — 4 — Sentido — 5 — braço para cima avançando a perna esquerda para a frente — 6 braços para traz e perna esquerda para traz — 7 — braços aos lados e perna esquerda estendida para o lado esquerdo — 8 — Sentido.

7.º EXERCÍCIO — 1 — Equilibrar o corpo nas pontas dos pés, flexionando as pernas — 2 — bra-

ços aos lados com os punhos cerrados — 3 — Flexionar os braços á altura dos hombros—4—Sentido — 5 — mãos á cinta e flexionar o tronco para o lado direito — 6 — erguer o tronco, conservando a posição das mãos — 7 — flexionar o tronco para a esquerda — 8 — Sentido.

8.º EXERCICIO — 1 braços aos lados, palmas das mão voltadas para cima — 2 — mãos aos hombros — 3 — bater uma palma acima da cabeça — 4 — mãos para baixo — Este exercicio é feito em 8 tempos.

9.º EXERCICIO — 1 — Mãos á cinta e collocar o calcanhar direito no joelho esquerdo. — 2 — Es-

tender a perna direita para o lado direito. — 3 — Retomar a posição n.º 1. — 4 — retomar a posição n.º 2. — 5 — mãos á cinta e collocar o calcanhar esquerdo sobre o joelho direito. — 6 — Estender a perna esquerda para o lado esquerdo. 7 — Retomar a posição n. 5.

10º EXERCICIO—1—Bater uma palma acima da cabeça e estender a perna direita para a frente. 2 — Dobrar um pouco a perna direita, collocando as extremidades da mão sobre o pé direito, ficando a mão esquerda á nuca. 3 — o n.º 1 — 4 — Sentido. O mesmo exercicio para o lado esquerdo.

---

## Concurso de Professores

---

Programma organizado pela Directoria Geral da Instrucção Publica para as provas de capacidade profissional á 1ª investidura no magisterio primario e aos accessos de 2ª e 3ª entrancias, em 1929.

### PEDAGOGIA

Provas escripta e oral para a 2.ª e 3.ª entrancias.

1 — Elementos de historia da Pedagogia.

2 — Organismo e a vida mental.

3 — Memoria.

4 — O habito.

5 — A attenção.

6 — As tendencias em geral.

7 — A vontade.

8 — A intelligencia.

9 — Percepções.

10 — Meio social e consciencia individual.

11 — A educação physica na escola.

12 — Orthofrenia.

13 — Idea de consciencia.

14 — Jardins da infancia. Educação antiga e moderna.

15 — Julgamento e crença.

16 — Generalidade sobre a educação dos sentidos.

17 — A linguagem.

18 — A questão da alimentação e da hygiene infantis.

19 — O methodo Montessori.

20 — Educação civica.

## PORTUGUÊS

- Prova escripta: | Analyse lexica  
 | Analyse syntactica  
 | Textos para corrigir  
 | Officios  
 | Requerimentos  
 | Descrições  
 | Cartas
- Prova pratica.
- 1 — Operações sobre complexos.
  - 2 — Como se faz o assucar.
  - 3 — O café. Cultura, produção e utilidade.
  - 4 — Zonas, vegetaes e madeiras preciosas do Brasil.
  - 5 — Dia, noite, mez, anno e estações.
  - 6 — O milho. Cultura, produção e utilidade
  - 7 — Os productos do algodão.
  - 8 — Hygiene individual dos escolares.
  - 9 — Systemas de numeração.
  - 10 — 2.ª serie de gymnastica, cantada ou contada. Vozes de Commando.
  - 11 — Uma lição de Cactographia do Brasil.
  - 13 — Fracções ordinarias e decimaes.
  - 14 — Verbos. Conjugação integral. Modo, tempo, numero e pessoa.
  - 15 — A matta e o sertão.
  - 16 — Leitura dos numeros.
  - 17 — Palavras invariaveis em portugûes.
  - 18 — Geographia physica do Brasil.

- 19 — Estudo politico e historico de Alagôas.
- 20 — Operações fundamentaes.
- 21 — Analyse lexica pela funcção syntactica.
- 22 — Principios geraes de divisibilidade, sua applicação e utilidade. (4.º anno).
- 23 — Vida animal e vida vegetal. Diferenças. ....
- 24 — Systema osseo do Homem.
- 25 — Physiographia de Alagoas.
- 26 — Phenomenos physicos e phenomenos chimicos. Propriedades geraes da materia.
- 27 — Leitura por sentencição (analphabetos).
- 28 — Leitura por syllabação.
- 29 — Systema solar e eclipses.
- 30 — Genero e numero da palavra em portugûes.
- 31 — Alimentação do animal e do vegetal.
- 32 — A formação das palavras em portugûes.
- 33 — Estudos dos fructos brasileiros.
- 34 — Digestão e apparelho digestivo.
- 35 — Dinheiro. Moeda brasileira e estrangeiras. Noção de cambio.
- 36 — Noção do sujeito, predicado e complemento.
- 37 — O algodão, seu cultivo e sua utilidade.
- 38 — Calculos das areas, dos volumes, etc.
- 39 — Linhas e angulos.
- 40 — Systema metrico decimal.

## O QUE TODA CRIANÇA DEVE SABER

O Director de Instrucção Publica do Districto Federal dirigiu aos Professores das Escolas Publicas e estabelecimentos profissionais, attendendo assim a um pedido do Director Geral do Departamento de Saude Publica, a seguinte circular :

“Srs. directores das escolas primarias e estabelecimentos profissionais.

Afim de cooperar com o Departamento Nacional de Saude Publica, na execução de seu programma de assistencia e educação sanitaria, recommendo que sejam lidos e explicados, perante a classe, tres vezes por semana, os conselhos hygienicos abaixo transcriptos.

Além dessa leitura, deveis ter em muita consideração a vigilancia e correção dos alumnos que infringirem essas regras de hygiene, de modo a transformal-as em habito permanente.

Conselhos para serem lidos pelos professores ás crianças, no inicio das aulas :

- a) Não deveis cuspir, se o puderdes evitar. Nunca deveis cuspir no chão, na pedra e na calçada.
- b) Não deveis pôr os dedos na bocca.
- c) Não deveis metter os dedos no nariz, nem limpá-lo com as mãos ou manga do paletô.
- d) Não deveis molhar os dedos na bocca, quando virardes as folhas dos livros.
- e) Não deveis pôr o lapis na bocca, nem molhá-lo nos labios.
- f) Não deveis pôr dinheiro na bocca.
- g) Não deveis pôr alfinetes na bocca.
- h) Não deveis pôr coisa alguma na bocca, a não ser a comida e a bebida.
- i) Não vos deveis utilizar do miolo da maçã, dos doces, das balas, dos alimentos mastigados, dos apitos, das plantas ou de qualquer outra coisa que tenha estado na bocca de outra pessoa.
- j) Não deveis tossir, nem espirrar no rosto de uma pessoa ; voltae a vossa cabeça para o lado.
- k) Deveis ter limpos o vosso rosto e as vossas mãos ; lavae vossas mãos com agua e sabão, antes de cada refeição.
- l) Limpae vossos dentes duas vezes por dia, ao levantardes e ao ditardes”.

# METHODOLOGIA



## AS FRUTAS

— Renato, advirto-o de que ainda faltam alguns minutos para o recreio e você já collocou sobre a carteira essas fructas.

— Desculpe, professor, foi um esquecimento.

— Pois bem, já que temos tempo, você vae me dizer alguma coisa a respeito da banana.

— A banana é uma fructa nutritiva.

— Sim; é um optimo auxiliar das operações nutritivas.

— Então, professor, a banana é apenas um auxiliar ás nossas refeições? Ella não é um alimento importante?

— E' um bom alimento, mas relativamente fraco; entretanto, é uma das fructas que melhores qualidades apresentam, quando em cooperação com as funcções nutritivas. O seu proveito neste caso é indirecto, mas salutar.

— E' por isso que mamãe sempre me aconsella a comer bananas nas horas das refeições.

— E ella faz bem. José, pois nessas horas o seu effeito é mais apreciavel. Cada fructa tem seu effeito, sobretudo se forem observadas as horas em que devem ser ingeridas.

— Ah! é por isso que ouço dizer que a laranja, de manhã, é *ouro*,

ao meio dia é *prata*, e de noite *mata*.

— Isso é um adagio antigo. Julio, em relação á laranja, e que tem sido desfeito a todo o momento.

Assim é que temos visto muitos medicos chuparem laranjas á noite, e elles devem conhecer muito bem o effeito dessas fructas.

— Eu tenho visto muita gente grande chupar laranjas á noite e dizer que o *estomago não sabe quando é noite*.

— Entretanto, Romeu, si podemos chupal-as durante o dia, não ha necessidade de que as chupemos á noite.

— O "Seguro morreu de velho", não é, professor? Vamos a ver agora os empregos culinarios a que essas fructas se prestam. Diga-me você, Arthur, quaes os manjares que se podem fazer com a banana.

— Sopa de banana.

— Geléa de banana.

— Biscoitos de banana.

— Muito bem! Vêm, pois, meus alumnos, quanta coisa se póde fazer dessa fructa!

Além de ser um alimento nutritivo, a banana e quasi todas as fructas refrigeram o nosso sangue, desenvolvendo de um modo especial as substancias albominosas.

— Então, professor, a banana é remedio tambem?

— Sim. A acção medicinal das fructas é patente.

Nas molestias do figado, nas dispepsias e na prisão de ventre, muitas frutas são dum proveito indiscutível. Mas deixemos as outras fructas por enquanto, porque cada uma tem o seu papel principal como elemento nutritivo.

Falemos agora da cultura da banana.

— Quem trouxe a banana para o Brasil, professor ?

— Segundo consta, a bananeira foi trazida ao Brazil, da Costa da Africa.

-- A bananeira cresce em qual-quer lugar ?

— Já lhe digo, Plinio. A bananeira quer terra solta, muito esterçada, humida e onde lhe dê pouco sol. Em local onde não haja pedras é que ella deve sêr plantada, para que o seu fructo seja saboroso e não apresente manchas duras que se chamam *talos centraes*.

— O Brasil exporta bananas em grande escala, não é mesmo, professor ?

— Sim, Ernesto. O Brasil exporta essa fruta, principalmente para a Republica Argentina.

— Em Santos ha muitas plantações de bananas. A banana gosta de logar quente não é ?

— A bananeira é cultivada no Brasil, quasi sempre nos estirões que vão desde o nivel do mar até 1.500 metros de altitude e a uma temperatura de 24 a 30 grãos centigrados. A uma altitude de 1.800 metros já não prospera e sob uma temperatura de 24 grãos até 20 os seus fructos apresentam aspectos regulares.

— As bananeiras podem sêr plantadas umas pegadas ás outras ?

— A sua plantação não deve sêr junta, e o espaço que as deve separar, deve sêr de 10 a 20 palmos.

Na proxima aula falaremos sobre outra fruta.

## PHYSICA

### A LUZ

— Puxe o cordão da cortina da janella, Mario, afim de que a claridade penetre melhor em nossa sala.

— Sim, professor. Desse modo a nossa vista não se cansará muito ao acompanharmos a lição de leitura que, por signal, é muito interessante.

— E' mesmo interessante e em alguns pontos se refere á luz do sol, das estrellas e dos reflexos lunares. Fechemos agora o livro e vamos falar sobre a luz, em geral.

— Ouvi dizer que o estudo da luz tem um nome esquisito !

— O estudo dos phenomenos relativos á luz, tem o nome de *optica*.

— E' por meio da luz, professor, que conseguimos apreciar as côres, os tamanhos e as fórmulas dos objectos. Sem ella não poderemos vêr coisa alguma.

— Exactamente. E durante o dia, Orestes, donde vem a luz que jorra sobre a terra ?

— Vem do astro-rei, que é o sol.

— E á noite, donde provém a luz que recebemos ?

— Da lua e das estrellas.

— Sim. Mas com a luz da lua e das estrellas poderemos quasi que somente caminhar.

— Temos a luz electrica tambem, não é professor ?

— Temos as luzes artificiaes. A' noite ha necessidade de recorrer á luz produzida pela combustão do azeite, do kerozene, da cera, do gaz de illuminação e da luz electrica.

— Você, Pedro, me pergunta si toda a luz é quente ?

Não, Pedro. Nem todas as especies de luzes são quentes. Como exemplo, citarei a luz da lanterninha que o pyrilampo accende quando é noite.

— Agora é a vez de responder á sua pergunta, Alberto.

Vamos fechar por alguns minutos as janellas desta sala. Prestem attenção.

— A porta, tambem, professor ?

— Sem duvida. E' preciso que a sala fique completamente escura. Abramos agora um pouco, uma das folhas desta janella.

— A claridade entrou pela abertura em direcção ao quadro-negro.

— E' isso mesmo, Antonio. Graças ao brilho das poeiras que se encontram no ar, vemos os raios solares descreverem uma linha recta, que se finda no quadro negro e no soalho, produzindo essa mancha viva e radiosa.

— Vejo que todos comprehendiram. Então, a luz se propaga em linha recta.

— E a luz dos outros corpos é igual á luz do sol, professor ?

— A luz que os outros corpos produzem, se espalha do mesmo modo que a do sol.

— E porque a luz atravessa a vidraça e não consegue fazer o mesmo na porcellana fina ?

— Já se esqueceu, Emilio, de que os corpos podem ser *transparentes, translucidos e opacos*.

— Diga-me, Romeu, o nome dum corpo transparente ?

— O vidro.

— Você, Paulo ?

— A agua.

— Você José ?

— A agua, tambem, sob uma pequena espessura.

— E o ar tambem, professor ?

— Perfeitamente. O ar tambem, Mario.

— E o espelho, professor ?

— Ah! o espelho é um vidro polido e por essa razão nos offerece esta particularidade : quando um raio luminoso converge sobre elle, reflecte-se, isto é, volta.

— E como é que ás vezes um objecto que está na agua parece que está quebrado ?

— Isso se chama refração. E' propriedade que a luz tem de fazer com que certos corpos que estão parte dentro d'agua e parte no ar, pareçam quebrados.

— E sobre um corpo translucido, que faz a luz ?

— Aqui está um. E' um pedacinho de *vidro fosco*.

Leve-o, á altura dos olhos, Pedro, e olhe para fóra da janella. O que vê ?

— Não posso distinguir com precisão á fórma dos objectos luminosos.

— Perfeitamente. Como o vidro fosco, o papel parafinado é tambem um corpo translucido.

— Faltam agora os corpos opacos.

— Esses são os que interceptam inteiramente a luz.

— Muito bem, Manoel. A madeira, assim como os metais, as pedras, e muitos outros, são corpos opacos.

## HIGIENE

### A RAIVA

Professor. — Vejam que lindas figuras as destes mappa. Que animaes são estes que você está vendo, aqui nesta gravura, João ?

Alumno. — Eu vejo um cão, um gato, um lobo, um porco e um camello.

P. — Muito bem ! Todos elles são animaes mansos e domesticos, não é assim, Barbosa ?

A. — Não, professor: o lobo é um animal feroz e selvagem, como o senhor já nos explicou.

P. — Perfeitamente. Você tem razão e mostra que é um alumno applicado. Mas, continuemos a nossa aula. Apesar de serem estes animaes muito mansos, excepto o lobo, dum momento para outro podem se tornar ferozes e perigosos.

A. — Mas, porque, professor ?

P. — Já lhe digo, meu curioso. E' porque elles, principalmente o cão, podem ser acomettidos duma terrivel doença chamada — *raiva*. Vocês nunca ouviram falar em cachorro louco ?

A. — Já, sim, senhor.

P. — Pois é a molestia da raiva, que o deixa louco e *hydrophobo*. Precisamos ter muita cautela para

evitar a mordedura dum animal *raivoso*.

A. — Como se conhece quando um cão está atacado da *raiva* ?

P. — E' facil. No principio da molestia elle torna-se triste e inquieto; late muito, mas para com o seu dono, mostra-se docil e procura lambe-lhe a mão. Têm uma sêde ardente.

Procura morder tudo quanto encontra. Seu latido é rouco e triste. Com o progridir da molestia, fica cada vez mais feroz. Foge de casa, corre pelas ruas e campos com o olhar desvairado, a bocca escancarada donde sae a lingua escuro e poeirenta. Atira-se furiosamente sobre os outros animaes e sobre o homem, para satisfazer seu desejo ardente de morder. Morde de preferencia a outro cão. Finalmente, cae morto, paralyzado e asphyxiado por falta de respiração.

A. — E si um cão raivoso nos morde, que acontece professor ?

P. — Uma vez que os germens de tão horrivel doença atinjam os centros nervosos, a raiva se manifesta. Conforme o logar da mordedura, a molestia poderá levar uma semana, quinze dias ou alguns mezes para se manifestar. Este intervallo entre a epoca da mordedura e a declaração da molestia é o periodo da *incubação* que varia de quinze dias a seis mezes, dando assim tempo de serem applicadas as vaccinas.

A. — Que vaccinas, professor ?

P. — Logo falaremos dellas. Vejamos primeiramente os cuidados que devemos dispensar ás pessoas mordidas por um cão raivoso.

Em primeiro lugar, devemos comprimir logo o membro mordido, acima da ferida com o auxilio dum laço fortemente amarrado, expremendo-se em seguida o lugar para que o sangue escôe. Deve-se até chupar a ferida, para melhor retirar o sangue.

A. — E não ha perigo de contrairmos assim a molestia ?

P. — Desde que se não tenha ferimento nenhum nos labios, na boca etc., não ha perigo algum, porque os germens da raiva se forem collocados sobre a pelle, ou até mesmo engulidos não se multiplicam, e o seu effeito é nullo, desde que não encontrem nem uma escoriação nos logares por onde passarem. Mas... continuemos. Uma vez extrahido o sangue da ferida, queima-se a mesma com um ferro quente ou com acido sulfurico. Em seguida, o doente deverá procurar o "Instituto Pasteur", que, como vocês sabem, fica... onde, Silveira?

A. — Na Avenida Paulista.

P. — Sim. La serão applicadas as vaccinas contra a raiva.

A. — Quem descobriu a vaccina da raiva, professor ?

P. — Foi Pasteur, grande scientista francez. E' por isso que o nosso Instituto recebeu o seu nome. Uma pessoa mordida na cabeça deve receber a série de sete vaccinas, sem a menor demora, pois a molestia pode declarar-se no decorrer da segunda semana depois da mordedura.

Em casos urgentes, as sete injeções poderão ser applicadas durante o espaço de tres a quatro dias.

Se a mordedura for feita nos membros, a molestia levará de cinco a seis semanas para se manifestar, por isso ha tempo bastante para se applicar as sete vaccinas com regularidade, durante sete dias consecutivos. A efficiencia da vaccina de Pasteur está bem provada nos inumeros casos de raiva, que por ella ja foram tratados.

Felizmente em nosso paiz, graças aos institutos creados para o tratamento da raiva, á caça aos cães vadios, promovida pelas municipalidades, ao uso de mordagens para os mais e á confiança que depositamos nas vaccinas de Pasteur, tem diminuido os casos de raiva.

Tenham muito cuidado com os cães e outros animaes. Mas, si for por infelicidade mordido por um cão damnado, não occulte isso de seus paes; conte-lhes logo, afim de que elles possam cuidar da ferida e leve-o ao "Instituto Pasteur".

Da "Revista Escolar" de S. Paulo.

### CASO COMPLICADO

Visitando o Muséo perguntou o Lulú ao papae

— Que é meu filho?

— Diga, papae...

— Será verdade que a baleia come sardinhas?

— Sim, meu filho: não só a baleia mas todos os peixes grandes se alimentam de sardinhas.

— Aaaah!— Diga, Papae:

— Que é mais, meu filho?

— E como é que elles fazem para abrir as latas?

# Brasil Colonia e Brasil Imperio

Alencastro de Fraga

Entre os mais criteriosos e mais bem delineados trabalhos de vulgarização histórica apparecidos nestes ultimos tempos, é de justiça se colloquem os dous esplendidos e succulentos volumes do sr. dr. Austriano de Carvalho em que este illustre bahiano estudou as phases varias da vida brasileira sob o dominio da realza e do Imperio, visando precipuamente "expungir ou esclarecer as falsificações tendenciosas das chronicas, memorias e biographias que andavam á competencia".

São do anteloquio estas ultimas palavras. A leitura attenta a que o prohibido livro faz jús deixa bem comprovado que na sua maxima parte, senão em quasi todas as paginas do *Brasil Colonia e Brasil Imperio* foi conseguido e de um modo brilhante tão indefesso quanto benemerito proposito.

E se nos detemos em escrever que o expurgo foi completo, que o restabelecimento da verdade historica foi integral em todos os factos estudados, é tão sómente porque estamos longe, muito longe mesmo, de perfilhar a antipathia pela figura illustre de Nassau e de jurar pela benemerencia emprestada a Bernardo Vieira de Mello e aos nobres de Olinda que figuraram no levante de 1710.

Neste particular afina-se o nosso sentir pelo do dr. Vicente Fer-

rer Wanderley, eminente jurista fallecido, que em magnifico estudo sobre a "Guerra dos Mascates", provou a toda evidencia não haver sido a revolução nordeada por intuitos republicanos propriamente ditos e ser mais do que apocrypha a celebre acta de 10 de Novembro, porque esse documento NUNCA EXISTIU.

Mas tivesse mesmo existido essa acta e houvessem os factos occorrido como insinuam os partidarios da canonização civica de Bernardo Vieira, adstrictos a essa acta hypothecaria, — a verdade é que a forma de governo aqui alludida valeria, ao contrario, por uma negação formal da Republica, entendida como a expressão da vontade popular, por isso que o regime veneziano nada mais representou que odiosa e truculenta aristocracia de uns poucos magnatas inscriptos no "livro de ouro"...

Nem se pôde bem comprehender que um *graduado capitão de campo* (na justa expressão de Ferrer), que tão tristemente se houvera notabilizado na caça a infelizes pretos, nessa crudelissima tragedia de Palmares, pudesse se enfronhar num vermelho campeão de idéas liberaes. Seria um formidavel paradoxo...

"Quem ler, ponderou o saudoso jurista historiographo, a pungente historia dos negros de Palmares,

derrotados e aniquilados pelos esforços combinados de Bernardo Vieira de Mello, Domingos Jorge Velho, Sebastião Dias e outros, quem recordar a morte heroica do Zumbi e de seus companheiros, precipitando-se da "atalaia", preferindo a morte a recahir na escravidão, concluirá que mostraram melhores qualidades para cidadãos de um paiz livre do que os moradores de Olinda".

Quanto a Nassau ja o erudito Alves Nogueira num estudo biographico de 1900 demonstrara exuberantemente as virtudes excelsas desse grande estadista, dos maiores que ja figuraram na scena politica do Brasil, opinião seguida, entre outros, pelo citado dr. Ferrer considerando-o textualmente "o mais distincto governador dos tempos coloniaes".

E Ulysses Brandão, ha pouco, num passo de sua monographia sobre a revolução de 1824, salientára que o governo do illustre militar batavo fôra para a colonia "uma escola de civilização".

Dahi aquella "memoria muito venerada" que ainda em 1816, de Nassau foi Tollenare encontrar em Pernambuco.

Feitas, porém, essas reservas que deixamos referidas, descontado um outro equivoco de somenos importancia, peculiar a todas as obras do genero, é justo proclamar as excellencias do livro, a fidelidade com que o autor se cingiu aos documentos consultados, o criterio com que se abeberou ás fontes mais insuspeitas, para espendere o seu julgamento sobre os vultos e factos apreciados. E graças a esses no-

bres propositos pôde o sr, dr. Austriano de Carvalho escoimar a nossa historia dessa deformação criminosa, impressa pelos escriptores da monarchia, empenhados em denegrir ou deminuir as figuras venerandas dos Inconfidentes Mineiros e os revolucionarios de 1817 e de 1824, ao mesmo tempo que erguiam as culmiadas do louvor typos repulsivos que em circunstancias outras teriam sido, com justiça, relegados aos cubiculos das penitenciarias ou ao tablado de uma forca.

Emquanto Varnagen levado por insupitaveis sentimentos de aulicismo se rejubilava pelo mallogro da conjuração das Minas Geraes, siderava um verdadeiro cataclismo a idéa expressa na conspiração bahiana de 1798 e desejava cobrir com um veu o movimento revolucionario de 1817 pelo menospresos desses, ao seu ver, criminosa de lesa-patria, o dr. Austriano de Carvalho tem para todas essas expressões do nativismo brasileiro palavras de viva sympathia, realçadoras do immenso sentimento de amor patrio que as produziu.

Vejamos como o autor considera a installação de D. João VI no Rio :

"Estava realizada a trāslação da côrte para o Brasil, facto que um historiador achou mais justo considerar antes como uma intelligente e feliz manobra, do que como uma deserção covarde, affirmando que o principe regente, o futuro D. João VI fundou a nacionalidade brasileira ! Factor de nossa nacionalidade um fugido, um poltrão e despota, de descortino vesgos, prejudiciaes a terra,

cuja evolução desviou, retardando-a !

Lamentavel conclusão a que se chegou, pela velha eiva de "conservantismo" e da esteril e mentirosa historia official, que confundiam a monarchia com a patria querida, os interesses da casa de Bragança e da politica inglesa com os do Brasil, quando este ja era uma nação desde o fins do seculo XVIII, ethnica, economica, intellectual e geographicamente estruturada, como affirmou Oliveira Martins, o portugês.

Foi necessario alojar os quinze mil esfomeados caídos de repente sobre a cidade como uma nuvem de gafanhotos.

Os desvãos, os quartos de réz do chão e da ucharia do Paço não podiam caber a gente do rei... as casas mais luxuosas foram sendo despejadas pelo conde de Galveas para os grandes do reino, ficando ainda grande parte de forasteiros descontentes por mal accommodados.

Foi posta em vigor então pelo intendente, por ordem daquelle conde, a "lei das aposentadorias", por meio da qual era posto á rua o proprietario da casa desejada pelo fidalgo, num processo summarissimo de despejo.

Não havia mais propriedade no Rio. Um simples *P. R.*, escripto a giz na porta do predio e que significavam — principe regente — e que o povo traduzia — Ponha-se na rua — era bastante para a intimação do meirinho.

Passaram em seguida a exigir ficassem os moveis, e fidalgos houve exigindo duas e três casas, passavam a aluga-las, ás vezes, ao proprio dono, comendo as rendas !"

E lembramo-nos que ja se cogitou em Maceió, de uma estatua a

esse rei fujão para exprimir o reconhecimento das Alagôas pela criação da provincia, quando este acto longe de traduzir desvelo pelo bem estar dos nossos conterraneos de então, nada mais foi, em verdade, do que simples medida de defesa monarchica, *dividindo* brasileiros para melhor proveito da dominação lusa ! *Divide et impera !*

Quando mesmo esse intuito não tivesse existido e o alvará de 16 de Setembro de 1817 significasse uma necessidade administrativa reconhecida, sem relação alguma com interesses particulares da realza bragantina, ainda assim a estatua nenhuma razão teria de ser, porquanto muito mais deveria pesar em nossa memoria o cortejo de infortunios semeados pelo norte do paiz após o jugulamento da revolução de 6 de Março.

Uma estatua a D. João VI seria pungente insulto aos manes dos garroteados, dos assassinados, espoliados e ultrajados de 1817 — á "alma pulchra de nossos avós".

Paraíba (Capella) — 14/7/1928.

#### A PRIMEIRA ESCOLA OFFICIAL DO MUNICIPIO DO PARAHYBA

Em execução da carta de lei de 15 de outubro de 1827 que mandou crear escolas de primeiras letras em todas as cidades e villas e nos lugares mais populosos do Imperio o Conselho Geral da Provincia instituiu entre outras uma cadeira para o sexo masculino na povoação da Capella, actual cidade do Parahyba.

Aberto o concurso em Novembro de 1828 — ha justamente um

seculo, — João Nepomuceno Falcão dirigiu á autoridade competente o requerimento assim exarado :

“Illm.º e Exm. Senr.

Diz João Nepomuceno Falcão morador nesta Cidade (*Alagoas*) que elle pretende oporse auma das Cadeiras, que novamente sehão de criar no termo da V.ª da Atalaia, com especialidade no lugar de Capela termo dam.mª V.ª, requer a V. Excia. admita o Suppe. p.ª fazer o seu exame marcando V. Excia. o dia aprazado p.ª od.º exame.

P. a V. Excia. lhe defira na forma requerida

*João Nepomuceno Falcão”.*

Este requerimento não datado teve o seguinte despacho igualmente sem data : — *Compareça no dia 13 do corrente — N. Vascos.*

Procedido o exame e approvedo o concurrente unico-da cadeira fez-se o respectivo provimento em 21 de Novembro de 1828.

Não conhecemos o dia da abertura das aulas, mas de um mappa apresentado pelo professor Nepomudeno a 15 de Setembro de 1829 vê-se que a nova cadeira se estabeleceu em janeiro desse anno, provavelmente logo após o dia 6.

O mappa relaciona 50 alumnos, suas idades, naturalidade, filiação, adiamento, conducta, actividade e frequencia.

## CARTAS DE PARIS

E' muito possivel que alguns dos meus patricios discordem da minha opinião — o problema maximo a resolver no Brasil é o do analphabetismo.. Digo ser muito possivel, porque, entre outros, já ouvi de um amigo que a unica questão séria a encarar na nossa terra é a falta de mulheres — no dia em que a proporção de mulheres ahi, for igual á que existe na Inglaterra, contadas as suffragistas, estará salvo o Brasil, que passará a figurar ao lado das grandes potencias.

Argumenta com simplicidade o meu amigo — mulher, significa homens, braços, população. Mas, de que nos valerá o nosso grande

territorio, com uma população de analphabetos. Grande é a China, e populosa — nem por isso merece a admiração dos povos. Braços trariam, é certo a devastação das nossas florestas, o levantamento de cidades nesse “hinterland” desconhecido, mas os beneficios derivados dessas novas explorações seriam nullos por mal aproveitados, por mal dirigidos os esforços. Não se fundam cidades, não se constroem estradas de ferro, não se cultivam os campos, com eficiencia, sem o necessario conhecimento das cousas, sem estudos, sem leitura. Si assim não fosse, facil seria aos africanos do Senegal possuirem o

progresso de New-York — não são os braços negros que differem dos braços brancos, mas os cerebros.

Uns sabem lêr, outros não. Uns aprendem, outros deixam-se ficar na ignorancia, mãe da indolencia. E' um outro aspecto. Compare-se o operario que sabe lêr e escrever com o analphabeto — em noventa por cento dos casos são mais activos aquelles. Com as primeiras letras, despertado o espirito, vem o desejo de saber, de conhecer mais — é natural, é humano. E o cerebro, necessariamente, actua sobre o corpo, produzindo vida nova, calor, acção.

O que fez a grandeza da Alemanha, o que faz a força dos Estados Unidos, a decadencia de Portugal, o surto da Argentina, o nosso progresso a passos lentos — o maior ou menor gráo de instrucção do paiz. Comparem-se as nações — tomadas as proporções, em condições analogas de raça, territorio, população e clima — supera sempre a *instruida*.

Dêem, não azas ao Brasil (virão depois), mas escolas. Faça-se o serviço militar obrigatorio, mas, conjunctamente, a instrucção obrigatoria. O soldado de hoje não deve ser o pedaço de carne que se joga, na batalha, á bala do inimigo. A guerra moderna, exige á par da robustez do corpo, a lapidação do cerebro — de modo a incutir no soldado a percepção das cousas, a indispensavel comprehensão para poder agir na falta do official. Melhor que as vozes de commando, melhor que as lições falladas do sargento, ensinando os livros.

\* \* \*

E' o que vem de comprehender a França — já não sem tempo.

Tive occasião de assistir á festa do 32.º regimento de artilharia, aquartelado em Vincennes. Deviam proceder-se ás experiencias demonstrativas das boas qualidades do methodo preconizado por Madame Simon e adoptado em alguns quarteis de França.

Em Novembro de 1906 seriamente preocupado com o numero de recrutas illetrados, o Ministro da Guerra DECRETOU que fossem tentados todos os meios no sentido de reduzir o analphabetismo que — ainda um dos males causados pela grande guerra nefasta — havia subido de 10 a 17 %c. Organisaram-se cursos em todas as casernas. Fundou-se a Liga "Pas d'Illetrés", sob a presidencia de honra desse velho e heroico servidor a patria que é o General Liautey assiduo, regular, systematisado. Verifica-se os primeiros e auspiciosos resultados.

O methodo de Madame Simon é de uma maravilhosa simplicidade, e, como eu, todos os presentes aos exames tiveram a oportunidade de constatar que, com 25 lições de uma hora, aquelles homens que haviam dado entrada nos quarteis completamente analphabetos, e cuja assignatura era uma cruz, não sómente liam como escreviam com relativa facilidade.

Não é meu proposito exalçar este ou aquelle novo methodo, e sim louvar o novo espirito.

E' o exemplo de iniciativa da Liga presidida pelo General Liautey que peço para o Brasil. Sei

bem que existe entre nós uma "Liga contra o Analphabetismo"; sei ainda que instituições como o "Rotary-Club" de São Paulo e do Rio, têm trazido á baila este assumpto de tão magna importancia; sei mais que, periodicamente, alguns dos nossos dirigentes, imbuidos por certo da relevancia da questão, dedicam seus esforços, por algum tempo, a esse problema. Mas, não conheço os resultados praticos de todas essas tentativas, e aliás aqui deixo a suggestão seria talvez de grande alcance trazer a publico uma estatistica mostrando alguns dados relativos á materia.

Seria um começo, um primeiro passo na longa jornada — iniciar a campanha, a lucta contra a ignorancia, dando instrucção aos nos-

sos soldados; recrutas ou sorteados.

Quando Antonio, Pedro ou Paulo, depois de mezes, de um anno no quartel, voltassem aos lares nas suas pequenas villas de Morro Velho, Bella Vista ou Livramento, sentir-se-iam orgulhosos de poder ensinar aos filhos óu aos irmãos o A B C. E essas creanças, esses mesmos filhos ou irmãos, que, fálhos da educação precisa, fogem, amedrontados, das escolas, teriam, por certo, prazer e satisfacção em receber do pae ou do irmão os ensinamentos das primeiras letras.

Nesse dia o Brasil seria grande entre os maiores.

Paris, Nov.—1927.

O MAIA.

(Do "Diario da Manhã").

---

## NOTICIARIO

---

### MES DE SETEMBRO

#### DIA 1

Foram justificadas as faltas dadas por D. Joaquina Leite Sampaio, professora publica, que ora serve, em commissão, no Grupo Escolar "Rocha Cavalcante", da cidade de União.

#### DIA 4

Foi exonerado o cidadão Manoel Victal dos Santos do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoa-

do Bananal, Municipio de Viçosa, e foi nomeado o cidadão Salustiano Nunes Cavalcante, para substituí-lo.

— Foi nomeada a alumna-mestra, D. Izabel dos Santos Pacheco, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Roteiro, Municipio de São Miguel de Campos.

#### DIA 6

Foi exonerado o cidadão Jacintho de Macedo Bello do cargo de

porteiro do Grupo Escolar "Ambrozio Lyra", da cidade de Camaragibe, e foi nomeado, para substituí-lo, o cidadão Carlos Gomes de Mendonça Rossiter.

— Foi nomeada D. Laudicéa Correia Lima, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta, vaga, do povoado Olhos d'Agua do Accioly, Municipio de Palmeira dos Indios.

— Foram justificadas 15 faltas dadas por D. Clotilde Alves de Lima, professora publica de instrução primária da cidade de Igreja Nova.

— Foi mandado pagar a D. Maria da Natividade Lemos, professora publica do povoado Currallinho, Municipio de Muricy, a ajuda de custo a que tem direito, na forma da lei.

— Foi mandado pagar á professora D. Maria Judith Malta de Sá, professora publica do povoado Pedra, em Agua Branca, a ajuda de custo a que tem direito.

— Foram justificadas as faltas dadas por D. Maria Laura de Souza, professora contractada de Costura e de Corte do Grupo Escolar "Cincinato Pinto", desta Cidade.

#### DIA 11

O Exm.º Snr. Governador do Estado, determinou que a professora publica de instrução primaria da cadeira mixta de Gurganema, na cidade de Viçosa, D. Anna Ferreira Torres, fosse afastada do exercicio de sua cadeira, na forma do art. 247.º § 1.º do Regulamento

expedido com o Decreto n. 1183, de 17 de Setembro de 1926.

— Foi considerado sem effeito o acto de 23 de julho ultimo, nomeando D. Antonia de Britto Sampaio, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Lagoa do Caldeirão, Municipio de Palmeira ds Indios, por não ter assumido o exercicio no prazo legal e foi nomeada novamente para exercer dito cargo no mesmo povoado.

— Foi nomeado o cidadão Pedro Gonçalves de Medeiros para exercer o cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Olho d'Agua, Municipio de Bello Monte.

#### DIA 12

O Exm.º Snr. Governador do Estado resolve approvar o termo de renovação de contracto celebrado nesta data entre o Snr. Secretario do Interior e D. Helena Galvão Gavendish, afim de ministrar por mais um anno o ensino de Gymnastica aos alumnos do Grupo Escolar "Fernandes Lima" desta cidade.

— Foi nomeada D. Amelia Soares Moreira, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Sertãozinho, Municipio de Sant'Anna do Ipanema.

#### DIA 14

O Exm.º Snr. Governador do Estado, rescindiu o contracto firmado na Secretaria de Estado dos

Negocios do Interior pelo Bacharel Amphiphio de Mello, afim de ministrar o ensino da cadeira de Historia Universal e do Brasil da Escola Normal, conforme pediu.

— Foi exonerado o cidadão Manoel Lisbôa Santos do cargo de Inspector Rural de Ensino do povoado Uruba, Municipio de Atalaia, e foi nomeado, para substituil-o, o cidadão Antonio Marques da Silva.

#### DIA 15

Foram justificadas as faltas dadas por D. Maria Leal Guimarães, professora publica da cadeira mixta do povoado Nicho, no Municipio de Muricy.

#### DIA 16

O Exm.º Snr. Governador do Estado resolve approvar o termo de contracto celebrado nesta data entre o Snr. Secretario do Interior e D. Maria Carmelita Cardoso afim de ministrar, por um anno, o ensino da cadeira de Historia Universal e do Brasil da Escola Normal.

— Foi mandado pagar a D. Maria Leal Guimarães, professora publica do povoado Nicho, Municipio de Muricy, a ajuda de custo a que tem direito, na forma da lei.

— Foi exonerada, a pedido, D. Maria Rosinda de Medeiros, professora extranumeraria do povoado Lagôa Comprida, Municipio de S. Braz.

— Foi exonerado o academico de Direito, José Caralampio de Men-

donça Braga do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Agua Branca, e foi nomeado o cidadão Antosio Torres, para substituil-o.

— Foi exonerado o cidadão José Antonio Torres, do cargo de membro da mesma Junta, e foi nomeado o cidadão Manoel José Firmo, para substituil-o, no referido cargo.

#### DIA 20

Foi nomeado o Padre Xavier Thuet, para exercer o cargo de Membro da Junta Escolar do Municipio de São José da Lage.

— Foi nomeada D. Maria Rosinda de Medeiros, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Peroba, Municipio de Maragogy.

— Foi exonerada D. Ilda Ramires Saldanha do cargo de professora extranumeraria da cadeira mixta da cidade de Guebrangulo.

— Foi nomeada D. Maria Rosa de Sant'Anna, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta do povoado Lagoa Comprida, Municipio de São Braz.

#### DIA 21

Foram justificadas as faltas dadas por D. Zaphira Athayde de Cerqueira, professora publica do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II", desta cidade.

— Foram justificadas as faldas dadas por D. Elvira Barbosa, pro-

fessora subvencionada do povoado Baço, Municipio de Limoeiro.

## DIA 22

Foram justificadas as faltas dadas por D. Geneveva Wanderley Leal, professora do bairro do Jacutinga, desta cidade,

— Foram justificadas as faltas dadas por D. Asterica das Virgens Muritiba, professora publica da cidade de Palmeira dos Indios.

## DIA 23

Foi exonerado o Bacharel Octavio Rocha de Lemos Lessa, do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de Coruripe, conforme pediu.

## DIA 26

Foi nomeado o cidadão Miguel Moreira Torres, para exercer, em commissão, o cargo de Presidente da Junta Escolar do Municipio de Coruripe.

— Foi nomeada D. Elita da Motta Trigueiros, para exercer o cargo de professora extranumeraria, por tempo indeterminado, da cadeira mixta da cidade de Quebrangulo.

## DIA 29

Foi exonerada a alumna mestra D. Flora de Mello Vieira do cargo de professora extranumeraria da cadeira do sexo feminino do povoado Utinga, Municipio de Santa Luzia do Norte, conforme pediu.

## MÊS DE OUTUBRO

## DIA 4

O Exm.º Snr. Governador do Estado resolve approvar o termo de renovação de contracto celebrado nesta data entre o Snr. Secretario de Estado dos Negocios do Interior e D. Estephania de Mendonça Rossiter, afim de ministrar, por mais um anno, o ensino de costura e corte aos alumnos do Grupo Escolar “Ambrozio Lyrá”, da cidade de Camaragibe.

## DIA 5

O Exm.º Snr. Governador do Estado, por acto de hontem, afastou a professora publica subvencionada do povoado Urupema, Municipio de Atalaia, D. Antonia Ernestina Cardoso, do exercicio de sua cadeira, na fórmula do artigo 8.º do Decreto n. 1.183, de 17 de Setembro.

## DIA 17

Foi exonerado o cidadão Antonio Oliveira e Silva do cargo de Presidente, em commissão, da Junta Escolar do Municipio de São José da Lage, por não residir mais no referido Municipio

## DIA 18

Foram justificadas as faltas dadas por motivos constantes do artigo 252, § 2.º letra c do Regulamento da Instrução Publica em vigor, por D. Leticia de Pereira Barbosa,

professora adjuneta do Grupo Escolar Modelo "D. Pedro II" desta cidade.

DIA 23

O Exm.º Snr. Governador do Estado, exonerou o Bacharel Francisco José dos Santos Ferraz dos cargos de Director dos Grupos Escolares "Fernandes Lima" e D. Pedro II", desta Capital, conforme pediu, e nomeou respectivamente, para substituí-lo, naquelle grupo, o professor Mario Marroquim e neste o Bacharel José Jeronymo de Albuquerque.

DIA 28

O Exm.º Snr. Governador do Estado, resolve decretar a perda do

cargo em que incorreu a professora publica subvencionada da cadeira mixta do povoado Mumbaça, Municipio de Traipú, D. Jôcelina Ramos da Silva, na fórmula do art. 291 do Regulamento da Instrução Publica, em vigor.

## RETIFICAÇÃO

No resumo de despachos do mez de Julho, n.º 10 desta Revista, sahio por engano a remoção de D. Maria Leal Guimarães, por *decesso*, quando em verdade essa professora fôra removida com *accessio*.



# O BRASIL

OLAVO BILAC

Páral Uma terra nova ao teu olhar fulgura!  
 Detem-te! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,  
 Em caricias se muda a inclemencia das vagas...  
 Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura!

Treme-te a voz affeita ás blasphemias e ás pragas,  
 O' nauta! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,  
 Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,  
 —Os dois seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a! O sol tropical deu-lhe á pelle doirada  
 O barulho do ninho, o perfume de rosa,  
 A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a! é a mais bella flor da Natureza inteira!  
 E farta-te de amor nessa carne cheirosa,  
 O' desvirginador da Terra Brasileira!